

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação



1290001965



FE

TCC/UNICAMP F221e

Priscila Maria Farah

**A educação não-formal na
construção de uma identidade
étnico-cultural : Uma integração
à fé judaica**

200507075

Campinas

2004

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Priscila Maria Farah

**A educação não-formal na
construção de uma identidade
étnico-cultural : Uma integração
à fé judaica**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel
em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Olga
Rodrigues de Moraes von Simson.

Campinas

2004

Universidade Estadual de Campinas

Faculdade de Educação



1290001965



FE
TCC/UNICAMP F221e

Priscila Maria Farah

**A educação não-formal na
construção de uma identidade
étnico-cultural : Uma integração
à fé judaica**

2003507075

Campinas

2004

Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação

Priscila Maria Farah

**A educação não-formal na
construção de uma identidade
étnico-cultural : Uma integração
à fé judaica**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UNICAMP, para obtenção do título de Bacharel
em Pedagogia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Olga
Rodrigues de Moraes von Simson.

Campinas

2004

Bib id 343899

UNIDADE:	FE
Nº CHAMADA:	TCC UNICAMP
	F221e
V:	EX
TOMBO:	1905
PRGC:	86/2005
C:	D: X
PREÇO:	25,11,00
DATA:	31/03/05
1.º CPD:	

Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP

Farah, Priscila Maria.
F221e A educação não - formal na construção de uma identidade étnico -
cultural : uma integração à fé judaica / Priscila Maria Farah. -- Campinas, SP:
[s.n.], 2004.

Orientador : Olga Rodrigues de Moraes von Simson.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Judaísmo. 2. Tradição. 3. Cultura. 4. Identidade étnica. 5. Religião. 6.
Educação não - formal. I. Simson, Olga Rodrigues de Moraes von. II.]
Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

04-245

DEDICATÓRIA

Às minhas filhas, pela presença e sensibilidade ,

Aos meus pais, por acreditarem que isso fosse possível.

À minha tia Leda, pelo incentivo dado,

À minha “grande” família, por me trazer no seio dela, das nossas tradições

AGRADECIMENTOS

Às minhas filhas, Patrícia e Mariana, pela colaboração no nosso dia-a-dia

À minha orientadora, Olga von Simson, por me abrir novas possibilidades

À prof^a Zula, pela enriquecedora segunda leitura do meu trabalho

À minha tia, Leda M. de F. Farah, pela brilhante revisão do texto

Ao meu tio Miguel, pela paciência conosco

Às amigas Geórgia, Silvia e Cecília, pois juntas, vencemos essa jornada

À Aidê Firer, por disponibilizar as informações do espaço e me receber,

como sempre, de braços abertos!!

Sumário

Introdução	01
A presença judaica no Brasil	03
Histórico da comunidade judaica em São Paulo	06
Um pouco da história do povo judeu em Campinas	07
Construção de uma identidade étnico-cultural	12
Uma experiência da educação não-formal voltada à cultura e tradição judaicas	16
A comunidade da Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, de Campinas – SIBBJC	18
Da iniciativa do espaço de educação não-formal	19
A escola - <i>Beit Sefer Shelanu</i>	20
Descrição das atividades educacionais observadas na <i>Beit Sefer Shelanu</i>	26
Análise	53
Considerações finais	64
Referências	66
Anexos:	
Entrevistas	68
Experiência no Rio de Janeiro	96
<i>Kibutz</i>	100

A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE ÉTNICO-CULTURAL: UMA INTEGRAÇÃO À FÉ JUDAICA

Priscila Maria Farah
Prof^a Dr^a Olga Rodrigues de Moraes von Simson
Professora orientadora

Este trabalho é fruto das observações feitas num espaço de educação não-formal, junto à Sinagoga de Campinas (Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, de Campinas – SIBBJC), com crianças de três a doze anos.

Tem como objetivo indagar não apenas sobre como um projeto de educação não-formal possibilita a construção de uma identidade étnico-cultural, mas também sobre um possível vínculo entre as atividades desenvolvidas, abrangendo memória e tradição, e a formação de um embasamento concreto para o florescimento de uma fé religiosa — no caso, a judaica.

A história de um povo pode ser mantida ou reconstruída através das tradições que se consubstanciam nos rituais, sejam eles de caráter cívico ou religioso.

O objetivo principal da experiência educacional é possibilitar aos educandos a aquisição de conhecimentos básicos do judaísmo e a transmissão de valores inerentes a uma vida judaica, pois acreditam — os que ali trabalham — que o ensino e o estudo, de forma continuada e sistemática, permitem aos conhecimentos atingirem a profundidade necessária à formação de raízes. Entretanto, essa transmissão se dá de forma sedutora, lúdica e envolvente.

Sendo assim, as crianças têm a possibilidade de experimentar, nesse espaço, práticas que estarão presentes no decorrer de suas vidas, se assim escolherem, como a vivência na cultura do seu grupo de origem. Com esse trabalho, terão oportunidade de o fazer com mais consistência e de maneira mais afetiva.

Esse espaço foi idealizado por um pequeno grupo de educadores, ligados ao grupo étnico-religioso, com experiências e formações distintas, o que é essencial para que se dê a multiplicidade de trabalhos, nas diversas áreas de expressão e linguagem.

Uma das características mais marcantes observadas nas atividades de educação não-formal aqui analisadas é a intensa participação de pessoas da comunidade judaica nos processos educacionais — crianças, pais e rabino.

Há também uma constante preocupação em transformar essa atividade educacional em uma experiência sedutora, envolvente, lúdica e marcante também para os pais ali presentes. Portanto, aprender nesse espaço é um ato de prazer, uma das marcas fundamentais da educação não-formal e envolve todo o grupo familiar.

Os objetivos maiores dessa proposta educacional referem-se à inserção consciente do jovem na sua comunidade étnica e religiosa, assim como à criação de um espaço — para o convívio natural entre os jovens de ambos os sexos e suas famílias — que facilite e até promova não apenas a integração à fé judaica, mas também as uniões matrimoniais futuras de caráter endogâmico.

Devido às suas características catequizadoras, essa experiência revela aspectos tanto da metodologia formal quanto da não-formal, o que nos permite dizer que se trata de uma educação não-formal de caráter reformador.

Palavras-chave: judaísmo, tradição, cultura, identidade étnica, religião, educação não-formal.

Introdução

O presente texto — apresentado como trabalho de conclusão de curso no curso de Pedagogia da Unicamp — é fruto das observações feitas num espaço de educação não-formal, junto à Sinagoga de Campinas (Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, de Campinas – SIBBJC), com crianças de três a doze anos.

Tem como objetivo indagar não apenas sobre como um projeto de educação não-formal possibilita a construção de uma identidade étnico-cultural, mas também sobre um possível vínculo entre as atividades desenvolvidas e a formação de um embasamento concreto para o florescimento de uma fé religiosa — no caso, a judaica.

Essa proposta foi idealizada por um grupo de pessoas com ascendência judaica, para sanar a falta, em Campinas e região, de um espaço onde seus filhos pudessem não apenas ter conhecimentos básicos de judaísmo e receber a transmissão de valores desse grupo étnico, como também conviver com pessoas da mesma faixa etária e mesma origem cultural. Apresentada à SIBBJC, esta encampou a idéia.

Segundo publicação da própria SIBBJC, ela tem como objetivo, de forma prática, apresentar às crianças, para que conheçam e celebrem, as diversas festividades do calendário judaico, em atividades desenvolvidas durante o ano letivo, às sextas feiras, das 14h45min até o horário da cerimônia de *Shabat*, por volta das 18 horas.

Ao realizar minhas observações, alguns questionamentos surgiram, assim como a necessidade de conhecer um pouco da história desse povo e sua imigração em nosso país. Fui percebendo também que, na história desse povo— de dispersão pelo mundo, sua diáspora —, reside a raiz que leva à formação de um espaço como esse.

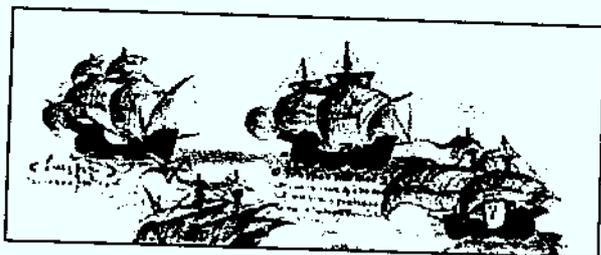
Em razão dos contatos orais com as professoras que ali atuam, surgiu o desejo de conhecer outras experiências, semelhantes ou não — eu não sabia —, como os *kibutz*, em Israel, cujo trabalho e concepção de espaço pareciam sugerir, pelo que me contavam, uma analogia bastante significativa com esse projeto campineiro. Na verdade, a concepção do espaço dos *kibutz* — apesar de estes

terem surgido por razões outras, as quais descobri e descreverei posteriormente — foi a base para a formação das professoras e para a criação de espaços como esse. No entanto, à medida que meu conhecimento a respeito da organização e do funcionamento dos *kibutz* foi-se tornando mais aprofundado, minha idéia inicial sobre essa comunidade também se modificou. Tive oportunidade também de conhecer um pouco sobre uma experiência, um trabalho feito com jovens do Rio de Janeiro, numa sinagoga ortodoxa. Outros trabalhos semelhantes, na formação de identidades, realizados por outros grupos étnicos¹, também exemplificam o tipo de trabalho desenvolvido em Campinas com os judeus da cidade.

É o que pretendo relatar a seguir, situando um pouco da história desse povo, sua imigração no Brasil, formando assim um breve panorama da sua cultura e sua trajetória histórica, para nos ajudar a entender por quais razões iniciativas como essas, educacionais, são tão valorizadas por esse grupo e como um trabalho que tem como metodologia a educação não-formal possibilita a construção de uma identidade cultural, com raízes religiosas.

¹ Incluem-se, aqui, os alemães (SIMSON, 1997) e japoneses (DEMARTINI, 1999), que criam oportunidades e encontros para seus jovens, sejam em atividades voltadas para a dança folclórica ou em serviços sociais destinados à populações carentes, fazendo com isso, que a relação entre os sexos aconteça de maneira "natural" e que eles não se sintam coagidos a escolhas sentimentais endogâmicas.

A presença judaica no Brasil



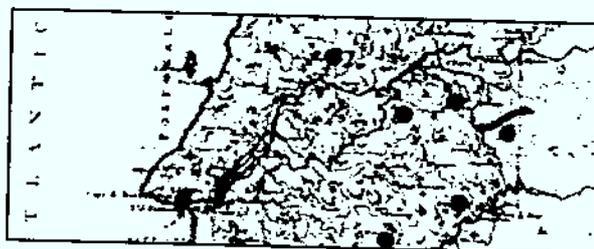
Conforme artigo retirado da revista eletrônica "Morasha", os judeus chegaram ao Brasil junto com a frota de Pedro Álvares Cabral e estão ligados a este episódio, pois eram matemáticos, astrônomos, auxiliando assim, com seus conhecimentos, "os feitos náuticos ibéricos."

Parte dos estudos apresentados traz, como indícios dessa presença no "descobrimento", anotações referentes a datas, feitas em hebraico:

As duas letras hebraicas abaixo do 500 são a sua representação numérica em hebraico: o *Tav* e o *Kut*. Última letra do alfabeto (22ª), o *Tav* equivale ao nosso "t" e vale 400. O *Kut*, 19ª letra, tem o som do "q" ou do "k", vale 100. Não existem evidências de símbolos aritméticos nas escrituras hebraicas.

O artigo também relata que, nos primeiros duzentos e cinquenta anos da nossa história, a presença judaica no Brasil manteve-se na clandestinidade, muito por causa da Inquisição (1533 a 1821):

A Inquisição na Colônia



A atuação do Santo Ofício ao longo de 242 anos (1579-1821) oferece o mapa das comunidades judaicas no Brasil colonial.

Blay (1989) nos traz um pouco da concepção da época sobre o tratamento dado aos que não eram "europeus":

No período colonial, a Inquisição foi um instrumento usado pela Igreja Católica e pelo Estado na perseguição aos judeus, negros, mulatos, ciganos e mouros. Os judeus em particular foram submetidos à deportação da colônia para a metrópole e tiveram seus bens confiscados. A pena final, com frequência, era a morte.

Por volta de 1773, apesar do fim da discriminação com os chamados "cristãos novos", não se tem notícias de comunidades judaicas no Brasil. Somente depois, com o movimento de liberalização dos portos, por parte da colônia portuguesa, permitiu-se a vinda de novos grupos de judeus para terras brasileiras. Uma das primeiras comunidades de que se tem notícia dessa época é a de Belém do Pará, por volta de 1824-26, com a fundação da sinagoga de judeus marroquinos, *Shaar Hashamaim* (A Porta do Céu).

Como relata GADOTTI, eram judeus que vieram da Europa Central e da Rússia. Pessoas simples, sem qualificação profissional, vindas de pequenas cidades, onde a religião imperava. Ganharam a vida, inicialmente, percorrendo o interior como mascates, até estabelecerem-se como comerciantes.

Depois da Amazônia, vieram grupos para o centro-sul do Brasil, principalmente judeus alsacianos e franceses, e o fizeram com mais tranquilidade, muito por causa da efetiva separação entre Igreja e Estado, assim como pela liberdade de credos, instituída pela Constituição de 1891.

Por volta dos anos 30 e 40, devido a diversos fatores, no Brasil, havia a exaltação de um movimento nacionalista, logo transformado em xenofobia. Sob clima político das diferentes fases da ditadura Vargas e na Europa, a influência nazi-fascista, a imigração aconteceu, porém sem fortes traços de manutenção de sua identidade.

Blay (1989) relata o que acontecia no Brasil:

Certamente foram muitas as perseguições, assim como as deportações de judeus ou de pessoas de outras origens, inclusive brasileiros natos. O problema é que, no caso dos judeus, a ação dos getulistas associada aos integralistas conduzia à deportação para países dominados pelo nazismo, sentença que significava a morte.

Enquanto isso, na Europa, as perseguições aos judeus continuaram,

e a imigração continuou a crescer. Na década de 50 intensificou-se o anti-semitismo no Egito e o contingente de judeus egípcios que buscou o Brasil foi apreciável, em sua grande parte de classe média, com bom preparo profissional técnico, industrial e comercial.

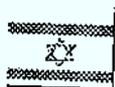
Somente depois, por volta de 1945, segundo GADOTTI, é que se firma a identidade judaica no Brasil, mas também com algumas interrupções.

As condições para o florescimento pleno de uma identidade judaica no Brasil deram-se a partir da democratização de 1945, mas não em linha reta: a segunda fase do regime militar (1968 em diante) apresentou alguns retrocessos por força da permanente atração entre autoritarismo e anti-semitismo, mas também pela participação de judeus nos movimentos de resistência política.

Algumas comunidades começaram a se firmar, de acordo com suas origens, marcando definitivamente sua presença no Brasil. Afirma GADOTTI:

A imigração de judeus da Síria e do Líbano, iniciada nos anos 40, não se interrompeu, e formou a comunidade Sefardita (originária dos judeus expulsos da Espanha e Portugal nos séculos 15 e 16), que exerce um papel importante no campo financeiro, empresarial, cultural e assistencial. O mesmo ocorre com os judeus asquenazitas, originários da Europa, e que têm tido uma atuação semelhante aos seus correligionários.

É uma população muito ativa, integrada, com muita criatividade e realizações significativas nos mais variados campos - arte, cultura, indústria, comércio, finanças, esporte, ação social ou profissões liberais.



História da comunidade judaica em São Paulo

Segundo informações do *site* da Prefeitura de São Paulo, a emigração judaica para o Estado de São Paulo deu-se em três ondas significativas. A primeira foi do final do século XIX até a primeira metade do século XX. Nessa ocasião, a perseguição aos judeus e as péssimas condições de vida na Europa foram as causas da chegada dos primeiros grupos de imigrantes. O segundo movimento migratório aconteceu durante a Segunda Grande Guerra Mundial, forçado pela perseguição nazista. A terceira leva de imigrantes chegou entre as décadas de 50 e 60, depois da criação do Estado de Israel.

No Estado de São Paulo, os judeus engajaram-se, a princípio, no comércio e na indústria, mas hoje a comunidade judaica atua nos mais diversos setores, incluindo as artes e a cultura, as profissões liberais, além de ter um papel bastante destacado no terceiro setor e no de serviço social.

GADOTTI comenta que os judeus que vieram para São Paulo com recursos estabeleceram-se como comerciantes de tecidos, jóias e outras atividades. Também vieram imigrantes da Rússia, só que em menor número. Eram profissionais liberais, artistas e intelectuais. Destaca "Maurício Kablin, imigrante russo, fundador do império industrial, imobiliário e comercial de dimensões gigantescas em São Paulo."

Quando começaram a chegar imigrantes refugiados da Alemanha e Itália, nos anos 30 do século XX, GADOTTI comenta que os judeus que vieram para São Paulo

... alguns com fortuna, quase todos empresários, técnicos, profissionais liberais, ou professores universitários nos seus países de origem. Foi logo após a crise de 29. Começava a industrialização. Os refugiados da Alemanha e da Itália integraram-se rapidamente ao processo de modernização e desenvolvimento econômico e cultural então em marcha em São Paulo. Nada mais natural que fossem incorporados rapidamente nesse processo...

Um pouco da história do povo judeu em Campinas

Valadares (2004) nos fornece algumas informações sobre a vinda de judeus para Campinas,

... uma cidade com vocação cosmopolita. É possível encontrar em suas ruas sinais da passagem de muitos povos do mundo. São muitos os fatores de atração destes imigrantes: a capacidade de consumo de seus habitantes, centros de estudos e oportunidades de trabalho. Isto trouxe para a cidade gentes do Brasil e do mundo na condição de comerciantes, de professores e alunos, de trabalhadores e gestores. Esta migração é responsável pela grande diversidade etnocultural existente na cidade. Dentre os povos que vieram construir Campinas estão os judeus, de variadas origens geográficas, vindos em épocas diferentes...

Bastos (1994) considera que Campinas estava no auge do seu crescimento entre 1870 e 1890, mas pouco se tem documentado sobre os imigrantes judeus em Campinas, cidade que tornou-se um dos primeiros centros regionais progressistas da Província de São Paulo, por causa da produção cafeeira e pela fundação de clubes políticos, associações literárias e sociedades culturais.

Segundo Bastos, não há comprovação de uma comunidade judaica formalmente constituída, mas, entre as discussões da época, estava a separação do Estado e Igreja Católica. Uma das questões era a respeito da desapropriação do Cemitério dos Protestantes e pelo anúncio, nos jornais, da convocação para uma assembléia geral, percebe-se a presença de grupos judeus na cidade:

...Convido a todos os membros das colônias alemã, israelita, suíça, inglesa, dinamarquesa, sueca e norte-americana para reunirem-se em assembléia geral no domingo próximo futuro... para tratarem sobre assunto importante a respeito da pretendida alienação do cemitério por parte da Câmara Municipal.

Outras evidências da presença judaica, referidas pelo mesmo autor, revelam-se através de uma relação de segurados por uma seguradora americana, numa publicação de jornal.

Ali figuram nomes como Henry Bloch, que possuía um negócio de roupas usadas, assim como Charles Levy, Leon Hertz e outros, também com comércio de roupas. O primeiro deles veio a ser, mais tarde, alfaiate.

Artigos

Enxovas para casamento

CHARLES LEVY & C.

Enxovas para baptizadas

36-Rua do Commercio-36

CAMPINAS

CASA EM PARIS

RUE DE LANGRY--47

Recebem mensalmente as mais altas
novidades de Paris

Encarregam-se de qualquer
encommenda para Europa
com modica commissão

Sedas

ROUPAS BRANCAS

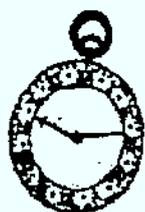
Casemiras e brins

Almanach de Campinas (litterario e estatistico) 1892.

Alguns eram também joalheiros, mantendo a tradição dos franceses, como Leon Hertz e Lazare Abraham.

Artigos

GRANDE CASA DE JOIAS



OFFICINA DE RELOJOEIRO

ALBERTO ISRAEL

58 A-Rua Barão de Jaguará--56 A

(Nos baixos do palacete do sr. Luiz de Pontes Barbosa)

Completo sortimento de bijouteria
joalheria e

RELOJOARIA

IMPORTAÇÃO DIRETA

DA

EUROPA

Almanach de Campinas (litterario e estatístico) 1892.

Contribuíam com a cidade, não só através do comércio —artigos finos, couros, jóias, tecidos — como também pela prestação de serviços (sapateiros, marceneiros) e instalação de indústrias, como cervejarias. Eram, também, acionistas da Companhia Paulista e, ainda, associavam-se a outros que chegavam e por ali se estabeleciam.

Valadares nos apresenta um pouco do que se tem documentado da chegada dos judeus na cidade:

Não há como reconhecer documentalmente quem foi o primeiro judeu a viver em Campinas. Sabe-se que o joalheiro Raphael Levy faleceu em 1871 e foi sepultado no cemitério da cidade. Ele pertencia a uma família de comerciantes. Seu genro, Victor Weill, freqüentou a Loja Maçônica "Independência". Ambos faziam parte do grupo de alsacianos que vieram comerciar bens de consumo, que iam de sofisticados produtos de joalheria a "sapatos usados", como apregoavam os anúncios das lojas de Leon Hertz...

VERZIGNASSE, num artigo em que comenta os estudos de Paulo Valadares, nos traz as informações de que a vinda de judeus a Campinas, em meados de 1800, deu-se — como era o interesse de alguns grupos migratórios da época, que se diferenciavam por serem comerciantes, como os árabes — em função do grande desenvolvimento decorrente da economia cafeeira. Nascia na cidade uma sociedade "sedenta pelo consumo de produtos sofisticados, manufaturados no exterior", que esses comerciantes de origem européia podiam oferecer.

A família Hertz foi uma das que se estabeleceram em Campinas, "vendia bolsas, chinelos, botas para senhoras, bengalas, galochas de borracha, polainas de verniz". Havia outro estabelecimento da mesma família, que "vendia relógios de ouro, jóias, faqueiros de prata, castiçais e charutos".

Mas nem sempre esses imigrantes judeus obtiveram o sucesso imediato: muitos enfrentaram um trabalho duro, de início, além de preconceitos por parte da

população local. Sofriam perseguições por parte dos cristãos, por não serem seguidores do cristianismo, tendo então que esconder sua origem judaica.

A febre amarela, epidemia que assolou a cidade do final da década de 80 até o final dos anos 90 do século XIX, fez com que muitas pessoas que tinham condições financeiras, inclusive comerciantes judeus, migrassem para a capital ou outros lugares. Alguns voltaram à França, não deixando descendentes por aqui, segundo o que se tem documentado.

No início do século XX, segundo VALADARES, vieram para Campinas judeus poloneses e bessarábios, também chamados de judeus russos, que substituíram os alsacianos.

Eles também são comerciantes como os anteriores. Porém, como pretendem fixar-se na cidade, organizam a Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, fundada em 12 de outubro de 1927, na rua Barreto Leme, nº 1203, para aglutinar a população judaica local em comunidade [...] Sem condições financeiras de manter um rabino formado, a comunidade manteve o costume de recorrer a conhecedores laicos das tradições religiosas para o comando das rezas coletivas...
... Com o transcorrer dos anos o perfil dos judeus campineiros foi se modificando, passaram de comerciantes a médicos, engenheiros, advogados, professores universitários e alunos das universidades locais, vindos de todo o Brasil. É possível encontrar judeus pertencentes às mais variadas origens geográficas e religiosas...

A construção de uma identidade étnico-cultural

Vista assim, mesmo que brevemente, entrecortada, a história de um povo, justificam-se as iniciativas tomadas para a preservação da sua cultura, para a reconstrução de sua identidade.

O professor Nachman Falbel, na apresentação do livro "Passagem para a América", (Freidenson e Becker, orgs), comenta, de maneira precisa, o trabalho desenvolvido no livro (de reconstrução da história da imigração desse povo através de relatos orais) e nos presenteia com a visão, diria eu, romântica/idealizada, dessas passagens de uma terra a outra:

O imigrante é a metáfora da humanidade, é o eterno Adão expulso do Paraíso, e nada melhor caracteriza essa metáfora do que a Diáspora judaica e sua história. Pois toda comunidade da Diáspora contém sua totalidade no sentido de ser composta de todas elas, o que explica o mosaico de cores que encontramos na comunidade brasileira ...

No hebraico a expressão "*Am-Olam*", Povo eterno, que associa a palavra "*olam*", mundo, passa a ser uma verdadeira antevisão da "dispersão e presença no mundo", e contém esse "mundo" composto de rostos, desejos e olhares em sua incessante e objetiva busca de algo próximo ao bem estar ou felicidade pessoal. E de fato a observação atenta dos depoimentos revela que em boa parte os imigrantes que permaneceram em solo brasileiro foram agraciados pela sorte, pois a terra ofereceu-lhes oportunidades que nem sempre puderam encontrar em seus países de origem ou mesmo em outros lugares. Mais ainda do que isso, sabemos que para aqueles que eram originários dos países europeus, a vinda ao novo país, antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, significou a real preservação de suas vidas.

Por outro lado, a consciência de pertinência e identidade judaica transparece fortemente em cada uma das entrevistas e ela se torna cada vez mais nítida quando se refere ao Outro tão indispensável na construção do próprio Eu, quando do Mesmo - e aqui estou emprestando um termo de Emmanuel Levinas que tem um significado bem mais profundo ao do uso que, neste momento, faço do conceito.

Porém não nos enganemos, pois salta à vista que nas falas e nos relatos de nossos personagens esse Eu tem como fundo permanente o contexto de uma cultura, de uma sociedade, de uma civilização que o constrói e molda espiritualmente, confirmando mais uma vez a extraordinária diversidade já lembrada acima.

A capacidade de adaptação, no plano individual e coletivo, foi uma constante que ocorreu ao judaísmo através dos tempos que assimilou e filtrou seus valores num processo permanente de intercâmbio com as civilizações com as quais esteve em contato, desde a antigüidade bíblica até o presente.... a genealogia pessoal e a gênese de um agrupamento humano ao qual o indivíduo está ligado são indissociáveis de sua própria memória...

(Freidenson pp.15,16) (grifos meus)

Nessas palavras, o professor Nachman Falbel situou de forma muito clara o processo de migração de um povo e sua "luta" para manter a identidade que se constrói, tanto na preservação de suas origens, como também na inter-relação que teve e tem com outros povos.

Os relatos orais contidos nesse livro revelam as lembranças, costumes, rituais de cada um dos entrevistados, formando um panorama dos primórdios da imigração judaica em São Paulo.

O que o livro nos mostra, em linhas gerais — e essa relação penso ser importante ressaltar — é como a história de um povo pode ser mantida ou reconstruída através das tradições que se consubstanciam nos rituais.

O trabalho desenvolvido na *Beit Sefer Shelanu* se propõe a essa reconstrução....

Cabe destacar alguns conceitos em relação à identidade e cultura. Abordarei também na análise o que MOREIRA (1997) traz como identidade, como construções de cada sociedade, conforme as circunstâncias históricas de cada uma.

Pollak (1992) relaciona identidade e memória, sendo essa " ... um fenômeno construído social e individualmente ..." e aquela a " ...imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria...". Considera que na construção da identidade há o sentimento de unidade ou de continuidade. Portanto, ao relacionar memória e identidade, afirma que " a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si".

GOHN traz muitos conceitos de cultura. SANTOS, 1983 (apud GOHN) diz que as concepções de cultura podem vir em dois blocos. As que se referem a aspectos da realidade social, de um povo, de uma nação; e outro, ligado à idéia do conhecimento.

Segundo GOHN, o termo cultura vem do latim medieval e significa cultivo, cuidado. Na filosofia, o termo articula-se com civilização e, segundo CHAUI (apud GOHN), "cultura e civilização exprimem o mesmo processo de aperfeiçoamento moral e racional."

O marxismo traz a idéia de cultura "num universo estratégico, das ações a serem desempenhadas por todos aqueles que desejavam intervir na vida social" (GOHN, p24)

Para a antropologia, cultura é "um todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade." (GOHN, p25).

Segundo Velho e Castro (apud GOHN, p. 27), cultura é "um conjunto de regras de interpretação da realidade que permitem a atribuição de sentido ao mundo natural e social e implica fundamentalmente a idéia de sistema". Analisando isso, GOHN diz que "cultura é um produto social, um conjunto de

regras que é comum ao grupo. Os códigos que constituem a cultura consistem essencialmente em aparelhos simbólicos”. E são esses códigos, os símbolos, que são compartilhados pelas pessoas que fazem parte de um grupo.

A cultura, transmitida a gerações, adquire um sentido de identidade, se pensarmos que “identificar-se com o passado não é tão somente identificar-se com um cadáver insepulto, mas é sobretudo uma maneira de abordar os acontecimentos segundo a qual a consciência confere identidade, permanência e estabilidade aos acontecimentos do passado” (MATTOS). Ainda em MATTOS, “ O enraizamento numa tradição significa nosso pertencimento a pontos de origem, porque só podemos saber quem somos hoje se reconhecermos nosso ponto de partida”.

O trabalho desenvolvido na *Beit Sefer Shelanu* se propõe a reconstrução de uma identidade cultural que se enraíza numa tradição, que é ao mesmo tempo, cultural e religiosa.

Uma experiência de educação não-formal voltada à cultura e à tradição judaicas

Em Campinas, há uma comunidade judaica organizada em torno da Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob de Campinas (SIBBJC).

Com maior ou menor intensidade, a identidade judaica da Comunidade Beth Jacob tem na religião um dos seus principais aspectos, o que pode ser constatado até mesmo pela importância física que a sinagoga ocupa na sede da comunidade.

No entanto, a vida religiosa não é o único elo da identidade, e todos reconhecem o papel essencial de aspectos históricos e culturais na identidade comunitária. Além disso, seus membros vivem em uma comunidade pequena, da qual considerável parcela não nasceu em lares judaicos, mas agregou-se à comunidade como uma opção de vida. São casamentos mistos, nos quais o cônjuge se converteu ao judaísmo.

Analisando outras iniciativas que a sociedade já realizou, constatou-se que as atividades relacionadas ao ensino e à educação judaica, ao menos nesta última geração, foram esporádicas, não-sistemáticas e tiveram vida curta.

Foi apresentado então, um projeto de criação de um espaço de educação, visando atender a demanda, em função da carência de um ensino de formação dos membros da comunidade, possibilitando “a aquisição de conhecimentos básicos do judaísmo e a transmissão de valores inerentes a uma vida judaica”², tomando por base outras experiências educacionais realizadas por comunidades judaicas brasileiras como, por exemplo, a da cidade do Rio de Janeiro, (ver em Anexos), e considerando ainda, talvez mais importante, a rica vivência das lideranças da sociedade em *kibutzim*, (ver em Anexos), durante a fase de especialização em Israel, decidiram experimentar a criação de um espaço educacional não-formal em Campinas.

² As informações sobre a SIBBJC e sobre a escola Beit Sefer Shelanu foram retiradas dos documentos fornecidos pela coordenadora do espaço. São eles: “Apresentação da Beit Sefer Shelanu” – Mário Flecker e “Projeto de Estruturação de Ensino Judaico Comunidade Beth Jacob” – Campinas, outubro de 1998. Tais textos embasam as idéias contidas nestes próximos capítulos.

O objetivo principal é trabalhar com a herança cultural, histórica, religiosa, social e espiritual, levando em consideração a pluraridade da comunidade local, sem adotar uma posição de ortodoxia:

Assim sendo, esta não será uma escola religiosa, mas tratará sim de preceitos religiosos; não faremos doutrinação moral, mas tentaremos contribuir para a elaboração de parâmetros éticos e morais dentro dos referenciais judaicos; não promoveremos a *aliá*³ como meta ideológica, mas promoveremos o estreitamento dos laços com Israel; não proporemos a alienação da comunidade da sociedade brasileira, mas proporcionaremos o convívio entre os membros da comunidade; não aceitaremos o sincretismo como meta, mas incentivaremos a contribuição cultural e social a sociedade brasileira.

³ Ato de ser chamado para ler um trecho da *Torá* na sinagoga durante o culto. Nos tempos modernos o termo passou a ser usado também para designar a emigração para Israel. (Freidenson p. 213)

A Comunidade

A comunidade judaica de Campinas organiza-se em torno da Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, de Campinas (SIBBJC).

Cerca de noventa famílias contribuem mensalmente com a SIBBJC e constituem o seu quadro de sócios efetivos. Além destas, há mais ou menos cem famílias ou indivíduos cadastrados, que comparecem esporadicamente a atividades comunitárias.

Na cidade e redondezas há, além desse grupo envolvido na comunidade, um número relativamente grande de pessoas de origem judaica, de cuja existência a Sociedade toma conhecimento apenas através de contatos pessoais e/ou profissionais.

A SIBBJC possui, no centro da cidade, sede própria, recém-reformada, que abriga uma sinagoga, onde costumam celebrar a chegada do *Shabat* e as diversas festividades do calendário judaico.

Além das atividades religiosas que se realizam na sinagoga, na sede social funciona um movimento juvenil independente, *Laor*, fundado há cerca de quatro ou cinco anos, que tem conseguido reunir mais de trinta crianças e adolescentes em seus acampamentos (*machanot*) de férias e um número semelhante em suas atividades semanais. Vinculado ao *Laor*, formou-se um grupo de danças folclóricas que se tem apresentado em diversos eventos da comunidade paulista.

Da iniciativa de um espaço de educação não-formal

Por não pretenderem redundar na justificativa da importância de uma ação consistente na área de ensino e educação, os integrantes da Sociedade, que formularam a proposta do espaço, realçam apenas que a sugestão de estruturação da área de ensino que apresentam se insere no contexto de diversas iniciativas da diretoria da SIBBJC.

Devido à urgência com que esta atividade foi percebida pelos membros da comunidade, estes afirmam seu papel central dentro dos planos de trabalho, pela sua importância intrínseca na formação dos jovens e adolescentes; pela contribuição que os alunos de hoje poderão dar no futuro; e pelo seu potencial de alavancar (do ponto de vista “mercadológico”) diversas outras atividades, tanto as existentes (*Laor*, grupo de dança, *Cabalat Shabat*), como as que venham a ser criadas.

Como todo novo projeto, sua implantação ofereceu algumas dificuldades iniciais, até amadurecer e ser o que é hoje, tanto em relação ao grupo de educadores — pois nem sempre tinham um quadro constante ou coerente com aquilo que se pensava em realizar como metodologia —, como também quanto ao número de alunos.

As mensalidades pagas por estes, somadas a verbas provenientes da comunidade campineira e de São Paulo, mantêm o projeto vivo e vibrante.

A Escola

Foi fundada, em março de 1999 — véspera de *Purim 5759* — a *Beit Sefer Shelanu*.

Beit Sefer Shelanu, em português, Nossa Escola, foi o nome escolhido pelos alunos para a Escola Judaica de Educação Complementar de Campinas.

A escola atendia anteriormente cerca de quarenta crianças e jovens, entre 3 e 14 anos. Hoje atende crianças de três a dez anos. É a única instituição judaica de ensino da região (na realidade de todo o interior de São Paulo), de modo que recebe (ou recebia) alunos de diversas cidades da região: Campinas, Vinhedo, Nova Odessa, Jundiaí e Itu.

O número de alunos determina a organização das turmas: já existiram cinco turmas, e, atualmente, há três, divididas por faixa etária. Todos têm quatro horas de aulas, nas tardes de sexta-feira, ao longo de todo o ano letivo.

As atividades começam às 14:45 e terminam com o *Cabalat Shabat* da escola, quando acendem as velas de *Shabat*, seguido da cerimônia na sinagoga da SIBBJ.

A escolha do dia da semana é importante para criar um contínuo de atividades durante o final de semana, incluindo a cerimônia de *Cabalat Shabat*, as atividades do *Laor*, do grupo de dança e outras mais que venham a surgir.

As turmas estão divididas do seguinte modo:

Turma	Pré-escola	Alef (A)	Beit (B)	Guimel (C)	Dalet (D)
Faixa etária	3 a 6 anos	1. ^a e 2. ^a séries do ciclo I	1. ^a e 2. ^a séries do ciclo II	1. ^a e 2. ^a séries do ciclo III e 1. ^a série do ciclo IV	2. ^a série do ciclo IV e 1. ^a e 2. ^a séries do Ensino Médio

Atualmente não estão formadas as duas últimas turmas.

O período de estudo é dividido em três atividades distintas, a cargo de diferentes professores, com exceção da pré-escola, que é multisseriada e funciona nos moldes das pré-escolas de Israel (*gan meurav*).

Duas dessas atividades são destinadas ao ensino propriamente dito, com o objetivo de transmitir o conteúdo curricular a ser estabelecido para cada série (Ver o item "Objetivos pedagógicos"), e a terceira delas tem caráter mais lúdico e informal.

A escola conta com três salas de aula, uma biblioteca que funciona como sala de projetos, uma sala dos educadores e almoxarifado, além de poder ocupar todas as demais instalações da SIBBJ, inclusive a sinagoga.

Objetivos Pedagógicos

O objetivo principal da escola é possibilitar aos alunos a aquisição de conhecimentos básicos do judaísmo e a transmissão de valores inerentes a uma vida judaica. Para tanto, contam com um currículo diferenciado para cada faixa etária, transmitido de forma seqüenciada e sistemática, pois acreditam que o ensino e o estudo de forma continuada e sistemática permitem aos conhecimentos atingirem a profundidade necessária à formação de raízes.

Em sua metodologia, a escola procura valorizar o aprendizado, vinculando-o à vivência judaica, no sentido de dar significado relevante ao conteúdo estudado com atividades criativas; possibilitar uma vivência social mais espontânea; trabalhar questões específicas de identidade; e promover uma ponte entre os conteúdos estudados e a realidade em que vivem. Um exemplo disso é o trabalho desenvolvido com o calendário judaico: de maneira lúdica, proporciona aos educandos vivenciarem as tradições do seu grupo étnico e poderem compartilhar com seus familiares. (Ver capítulo: Descrição das atividades educacionais observadas na *Beit Sefer Shelanu*)

A grade de horários proposta é apresentada seguida das explicações necessárias sobre o conteúdo que se esconde por trás dos nomes das disciplinas.

Horário	Sala 1	Sala 2	Sala 3	Salão/Biblioteca
14:30 – 15:20	Pré-escola	Turma Alef <i>História/Judaísmo contemporâneo</i>	Turma Beit <i>Torá/Tradição</i>	Turmas Guimel e Dalet <i>Projetos e Hebraico</i>
15:30 – 16:20		Turma Alef <i>Torá/Tradição</i>	Turma Beit <i>História/Judaísmo contemporâneo</i>	
16:20 – 16:40	Lanche Coletivo			
16:40 – 17:30	Pré-escola	Turma Guimel <i>História/Judaísmo contemporâneo</i>	Turma Dalet <i>Torá/Tradição</i>	Turmas Alef e Beit <i>Projetos e Hebraico</i>
17:40 – 18:30		Turma Guimel <i>Torá/Tradição</i>	Turma Dalet <i>História/Judaísmo contemporâneo</i>	

Um professor diferente ministra cada uma das disciplinas, de acordo com seu perfil. Sob os títulos das disciplinas da tabela acima estão presentes os seguintes conteúdos:

Torá/Tradição:

1) Estudo da Bíblia, começando com a *Torá* e continuando com os outros livros do *Tanach* — profetas e outros escritos. Esse trabalho é enriquecido com o conhecimento — ao menos como referência genérica — dos textos fundamentais da religião judaica (*Mishná*, literatura rabínica, exegeses).

Este estudo, que começa na pré-escola, quando se contam histórias da Bíblia, evolui ao longo dos anos em sua profundidade e metodologia.

2) Tradições e costumes judaicos, contemplando os costumes das diversas etnias judaicas. Dentro deste tópico, as atividades envolvem a compreensão e o conhecimento das principais rezas da liturgia judaica, incluindo suas melodias tradicionais; o estudo temático de diversos preceitos religiosos; e o conhecimento dos símbolos judaicos.

História Judaica/Judaísmo Contemporâneo:

1) Estudo da história judaica desde a época dos patriarcas — quando se funde com os estudos bíblicos — até a época contemporânea, incluindo o estudo do holocausto e a história do sionismo.

2) Estudo da história e realidade do Estado de Israel, incentivando o fortalecimento do vínculo com este que é o grande centro do judaísmo contemporâneo.

3) Estudo e discussão das grandes questões contemporâneas do judaísmo, incluindo o conhecimento da comunidade local restrita (Campinas) e ampla (São Paulo e Brasil em geral).

Hebraico

Alfabetização em hebraico, familiarizando os alunos com os sons da língua e propiciando a aquisição de um vocabulário básico.

Atividades de Enriquecimento

As atividades de enriquecimento, apesar de um caráter informal, são encaradas como atividades curriculares. Têm por objetivo enriquecer e dar sentido ao conteúdo estudado com atividades criativas; possibilitar uma vivência social mais espontânea; trabalhar questões específicas de identidade; e, através do desenvolvimento de projetos especiais, promover uma ponte entre os conteúdos estudados e a realidade em que vivem os alunos.

Essa busca de sentido está vinculada ao desenvolvimento da capacidade de tornar a herança judaica um referencial de atitudes e comportamento, servindo de ponto de partida para a elaboração da visão de mundo particular de cada um.

Outro aspecto importante é a participação dos alunos na vida da comunidade, contribuindo para o enriquecimento de diversas atividades

comunitárias. Esse trabalho se desenvolverá principalmente através de projetos que deverão necessariamente contar com um engajamento sério dos alunos.

Apenas a título de exemplo, eis alguns dos projetos: elaboração de atividades e enfeites para as festas comunitárias; elaboração e manutenção da *homepage* da comunidade; redação de seção do jornal comunitário ("*Chaverim*", jornal bimensal); elaboração de árvore genealógica, história familiar e história comunitária; realização de censo comunitário, atividades artísticas, etc.

Para concluir esta apresentação de conteúdos, é importante realçar dois aspectos:

- Há uma preocupação séria com a transmissão de valores de vida, questões éticas e morais, o que acontece de forma natural em todas as disciplinas e, nesse contexto, incentiva-se sua discussão.
- Está presente, nesse trabalho com a herança judaica, a relação entre etnia e religião, característica do judaísmo. Sendo assim, costumes, comportamentos, valores têm uma sacralidade específica.

Instalações e Equipamentos

O espaço físico foi adequado para a realização das atividades: três salas de aula, com mobiliário usual e os acessórios didáticos necessários.

A sala de projetos deverá contar com equipamentos de computação e multimídia, fundamentais tanto para acesso a bases de dados, como para a elaboração final de projetos.

Além disso, está em processo a atualização da biblioteca, objetivando a aquisição de livros didáticos e material de consulta. Com o intuito de tornar a escola um centro de vivência e referência, é, também, objetivo dessa tarefa a formação de uma videoteca e de uma brinquedoteca.

O equipamento escolar é bastante adequado às necessidades. A única carência significativa é a de quadra de esportes, que, a médio prazo, deverá ser construída em terreno anexo ao da sede da SIBBJC. É intenção da escola disponibilizar esse futuro espaço à população da cidade.

Estrutura Profissional e Equipe de Trabalho

A equipe de trabalho da escola é absolutamente enxuta, mas estritamente profissional e altamente qualificada, experiente e motivada. É formada por quatro educadores — um dos quais assume a coordenação pedagógica — um auxiliar de ensino e uma merendeira.

A direção da escola ficará a cargo de um Conselho de Educação, formado por quatro membros da comunidade, todos profissionais da área de educação, entre eles o diretor de educação — necessariamente um membro da diretoria da SIBBJ, apoiado, obviamente, pela diretoria da Sociedade —, ao qual caberá uma parte significativa do trabalho administrativo. Estes cargos não serão remunerados.

Para o trabalho direto com os alunos, foram contratados quatro educadores: um para a turma de pré-escola e um para cada uma das disciplinas das turmas *Alef*, *Beit*, *Guimel* e *Dalet*. Todos possuem formação específica e experiência profissional, tanto em educação não-formal, como nas áreas em que desenvolvem o trabalho na *Beit Sefer*. Um desses profissionais é designado para exercer o cargo de orientador pedagógico e educacional, recebendo, por essa função, um adicional em seus vencimentos.

Os profissionais exercem quatro horas/aula semanais de atividades didáticas, além de uma breve reunião pedagógica semanal. Além disso, participam de atividades de planejamento no período de recesso escolar e, eventualmente, de atividades extracurriculares que ocorram durante o ano.

A escola tem como meta, a médio prazo, formar educadores dentre os membros da comunidade, estando em busca de recursos em fundos destinados especialmente para este fim.

O orçamento da escola é constituído de mensalidades pagas pelos alunos e complementado com verbas do orçamento ordinário da SIBBJC. Também recebem doações espontâneas de diversos membros da comunidade. Apesar de ser paga, é um princípio da escola prover educação judaica a todos, independentemente da disponibilidade financeira.

Descrição das atividades educacionais observadas na *Beit Sefer Shelanu*

As observações feitas e aqui discutidas foram realizadas no primeiro semestre de 2004, em algumas das tardes de sexta-feira, e refletem o trabalho desenvolvido durante o ano letivo, sempre tendo como base as datas festivas da comunidade judaica.

Depois de saber da existência desse espaço de educação não-formal e explicar do meu interesse pelo espaço, como relato no capítulo **Análise**, combinei com a coordenadora responsável pela proposta que estaria observando o trabalho desenvolvido às 6^a feiras naquele espaço. ⁴

Meu primeiro dia de observação

Ao chegar, encontrei as crianças na cozinha preparando os alimentos que fazem parte da comemoração do *Pessach*, a páscoa judaica.

Cada um estava fazendo algo: ralando a maçã, descascando os ovos cozidos, picando a chicória e salgando-a. Todos participavam com afinco. E cada um que chegava já se entrosava e começava o trabalho. Eles sabiam o que estava sendo preparado, pois já era o terceiro encontro que tinham com o tema.

Todos falavam ao mesmo tempo, e a *morá* (professora, para o hebraico; educadora, na educação não-formal) responsável ia comentando a simbologia de cada alimento, lembrando o que já haviam conhecido até aquele momento.

Foi nesse contexto que fui me familiarizando com todos e conhecendo um pouco da sua história e do trabalho desenvolvido naquele espaço. Pelo que pude perceber até aqui e como a A. ⁵ havia me explicado, o trabalho é realizado através das festas, dos rituais deste grupo étnico/religioso.

⁴ Os nomes das educadoras, assim como os dos alunos e mães e outros envolvidos no trabalho, estão somente com as iniciais ou são citados pelo cargo que ocupam. As fotos foram gentilmente cedidas pela coordenadora.

⁵ A. é a educadora responsável pela coordenação pedagógica da *Beit Sefer Shelanu*

São três educadoras que trabalham com as crianças. A *morá* dos menores — crianças de 03 a 06 anos — ocupa-se só com eles, desenvolve o trabalho, adequando a linguagem ao contar as histórias e também utilizando a linguagem plástica, com dramatizações, fantasias, desenhos, recortes, colagens.

Existem dois outros grupos de crianças, de 07 a 09 e de 10 a 12 anos, que se revezam com duas educadoras. Uma é responsável por, de certa forma, sistematizar o conteúdo: trabalha a parte histórica e, dentro do tema, transmite a língua, tanto oral como escrita, com as palavras-chave.

Outra educadora se encarrega da parte plástica: com adereços, fantasias, desenvolve o trabalho com a representação, a expressão corporal, dramática das crianças.

Estas duas últimas *morás* se revezam nessas duas aulas, no mesmo encontro, no mesmo dia. Há um intervalo para o lanche e brincadeiras de recreio, como jogo de bola, por exemplo. No final do dia ocorre o encontro de todos, para apresentar aos pais o que foi então desenvolvido ali. Em linhas gerais, esta é a rotina, pelo que pude observar no primeiro encontro.

Voltando à minha observação, assim que cheguei, estavam na cozinha preparando os alimentos. A maçã é ralada e depois misturada com passas, nozes, açúcar, canela e vinho, simbolizando o barro, a massa de reboco que os judeus manuseavam quando eram escravos dos egípcios. Os ovos simbolizam a vida, uma nova vida, por seu formato não ter começo nem fim. A verdura amarga significa o sofrimento dos judeus quando foram escravos e, o sal, as lágrimas derramadas por este sofrimento. Os ossos, que a *morá* trouxe "prontos", lembram a perseguição que sofreram quando foi ordenada a morte dos primogênitos. Marcaram as casas com o sangue de carneiros, significando que ali existia família judaica, para que aquele espaço não fosse invadido. Este é também o significado que tem hoje o símbolo que se vê na entrada das casas dos judeus a "*mer zu za*". O pão ázimo, sem fermento, justifica-se pela pressa em fugir. O que fora servido tinha sido comprado, e não preparado pelas crianças. A batata, que já estava cozida, representava o fruto que vem da terra, na primavera.

Todos esses alimentos fazem parte da comemoração de páscoa dos judeus a passagem pelo mar Vermelho, fugindo do Egito, onde eram escravizados. A passagem para a libertação.

O que quer dizer Páscoa?

A palavra PÁSCOA, que chegou até nós pelo latim, *pascha*, na verdade vem do hebraico, *pessach*, que quer dizer trânsito, passagem.

Páscoa e *Pessach* são a mesma festa?

Não, *Pessach* é a "páscoa" judaica. Comemora a passagem dos judeus pelo Mar Vermelho, fugindo do Egito e da escravidão, em direção à Terra Prometida, a terra de leite e de mel que o Senhor havia reservado para o povo de Israel. Sob o comando de Moisés, "com quem Deus falava face a face, como um homem fala com seu amigo" (Êxodo, 33:11), o grande mar se abriu para deixar passar seu povo e fechou-se sobre o exército do poderoso faraó do Egito. Em resumo: a travessia do Mar Vermelho é o eixo da Páscoa judaica e essencial para compreender a Páscoa cristã. Leia também.

Arvore do bem - Ig

Tudo isso eu aprendi com a fala das *morás* e das crianças, diga-se, quase que ao mesmo tempo: todos queriam falar, comentar, retomar o que já conheciam, ou retomar o que havia sido transmitido. Apesar da aparente confusão, eles conseguiam seu intuito, estavam todos envolvidos e um passando ao outro o que estava sendo construído, um colaborando com o outro, ajudando, explicando — tanto nos afazeres, como nos dizeres.

A *morá* dos menores também estava na cozinha, só que em outra mesa, ajudando as crianças nas tarefas e relembrando as histórias que haviam sido contadas, não com tantos detalhes, mas com o essencial. Fazia questão de passar a eles as características de cada alimento, de maneira próxima, perguntando o que era amargo, se gostavam, se já haviam experimentado. Ficou nítida a preocupação com a adequação à faixa etária e com a construção do desenvolvimento das crianças. Dizia: "se já experimentou e não gostou, podemos e devemos experimentar novamente, porque à medida que crescemos podemos mudar nossos hábitos, e passarmos a gostar"

Instigava-as, também, em relação às habilidades: perguntava, por exemplo, se sabiam esmagar as nozes ou se tinham idéia de como fazê-lo. Diante da resposta negativa, explicou algumas das várias possibilidades (liquidificar, moer, amassar). Enquanto manuseava os alimentos, cantava, conversava, recontava a história. Pegava algumas fichas, que também são usadas pelos maiores, onde estão as figuras dos alimentos, com os nomes escritos em hebraico. Mostrava, lia e falava em hebraico com eles. O trabalho com as crianças revela uma preocupação constante com todos estes aspectos.

Os maiores, quando estavam terminando as tarefas, com orientação das *morás*, relembavam, retomavam os conceitos, tiravam as dúvidas e combinavam, negociavam os papéis de cada um para a representação do final do dia, já se preparando para as próximas atividades. Há uma escolha individual, mas também uma adequação do que é mais fácil ou do que um sabe mais que o outro. Ocorre uma distribuição tranqüila. As *morás* e a orientadora auxiliam as escolhas, mas não induzem.

A cozinha fica em desordem, tentam ajeitar as coisas, mas não há uma cobrança, uma orientação para isso. Quem acaba limpando, ajeitando é uma outra pessoa, que é, pelo que pude perceber, a responsável pela cozinha, pelos afazeres da casa, pois foi ela quem também preparou o lanche, cuidou dos pratos do final do dia e ajudou a preparar o espaço para a apresentação.

Houve uma certa preocupação com a minha presença, mas procurei desfazer essa sensação, dizendo que ficassem à vontade.

Fui atrás dos grupos, tentando perceber como eles iriam trabalhar, conhecer o espaço e escolher em qual ficar para não “perder” nada. Percebi que não daria para acompanhar tudo o tempo todo. São várias salas interligadas e ao mesmo tempo separadas, com portas. No início, todas abertas. À medida que os grupos iam-se acomodando, as *morás* fechavam as portas e continuavam o trabalho. Esse movimento eu percebi em todas as situações. O início de cada atividade é um caos, mas só aparente, porque rapidamente todos se ajeitam, sabem o que devem fazer e por que estão ali. Imaginei ver, de cima, formiguinhas trabalhando, cada uma pegando uma folhinha e logo, logo, todas em fila de volta para o formigueiro.... É um movimento *vivo*, transmitindo energia, alegria, vivacidade daquelas crianças e tudo muito bem entendido pelas *morás*, as quais, vale dizer agora, no final do dia estavam, todas, exaustas, mas não demonstravam. Estavam alegres e realizadas, assim como as crianças.

Voltando... As diversas salas são equipadas com materiais adequados a cada atividade.

A sala onde trabalham a escrita tem murais, o alfabeto em hebraico, pastas, lápis, canetas, canetinhas, mesas, cadeiras. As crianças se acomodam, pegam as pastas, começam a escrever, terminar o que já haviam começado nas semanas anteriores. A *morá* retoma os nomes e significados dos alimentos, mostra como se escreve e como se fala em hebraico. Retomam também o papel de cada um no teatro do final do dia, conferindo o que vão dizer, ajudando a lembrar, com o apoio das fichas que têm — contendo as figuras e nomes dos alimentos, em hebraico.

Na outra sala, a *morá* está trabalhando a representação, com outro grupo de crianças. Há um espaço "definido" como palco, com uma grande cortina de retalhos, almofadas no chão, para a platéia ou para quem ainda não está em cena. Cabides, panos, tudo lembra o espaço em questão. Na parede, como mural, as cenas contando a história estão desenhadas e escritas, em seqüência, com papel pardo, grande, orientando o trabalho. Eles marcam a entrada em cena, o tempo de cada um, seu espaço, a fala na representação. Recebem orientações, dentro desta área, da *morá*: "Não precisa ser sempre de frente, pode se apresentar no palco em outra posição, presta atenção quando você entra". Discutem, escolhem os objetos a serem utilizados, vêem o que falta, providenciam. Vale dizer que há uma preocupação com a representação: que ela aconteça, não de maneira perfeita, mas que seja feita com vontade, e todos demonstram isso.

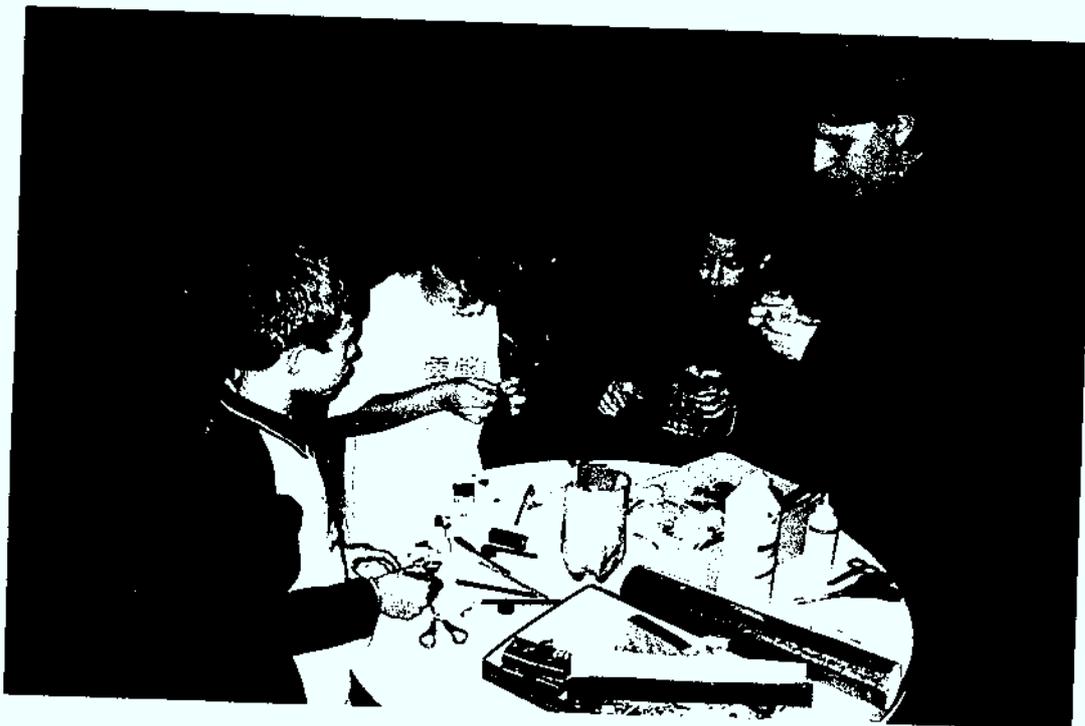
(A foto que ilustra essa situação não é desse mesmo dia)



Nos armários das salas há cartazes pequenos mostrando o que contém cada um e, na parede ou atrás da porta, as regras de convivência que parece terem sido feitas com eles, refletindo a necessidade que tiveram, em algum momento.

A sala dos menores é ampla, tem vários cantos. Um com almofadas e estantes baixas, com livros de histórias. Um outro com uma "mesa", é um tanque de areia suspenso!!! Brinquedos, muitos brinquedos. Há uma grande porta de vidro que sai para um jardim interno, com gramado e tanque de areia. No armário embutido, grande, numa das paredes, estão guardados diversos materiais de artes, plásticas, tintas, colas, papéis, etc. A *morá* dos menores é também a responsável por esta parte no trabalho deste espaço. Ela trabalha com todas as crianças. Neste dia ela ficou só com os menores, que continuaram a fazer os recortes e colagens ligados à festa. Os maiores já tinham feito nas semanas anteriores, mas ela ainda ajudou, confeccionando adereços para as fantasias que usaram.

(A foto que ilustra essa situação não é desse mesmo dia)



Pude ver que existe outra sala, uma espécie de almoxarifado, com mais brinquedos, livros, materiais diversos, inclusive de manutenção do lugar. Tudo arrumado em estantes.

O espaço em que se fez a apresentação do final do dia é usado normalmente pelos maiores, para "aula de artes", com mesas grandes. Há também uma outra saleta, com o teto rebaixado, em diagonal, penso que é um vão da escada, onde se reúnem grupos de jovens, aos sábados. Tem sofá, pinturas nas paredes.

A coordenadora me levou para conhecer a sinagoga. Tem um grande saguão de entrada, uma biblioteca e o espaço da sinagoga em si. Tudo feito com materiais "nobres", mármore, boa madeira, cadeiras confortáveis, etc. Há também um "mural", com placas de pessoas que já morreram. Na verdade, são as que fizeram doações. Ela comenta: "judeu gosta disso."

(A foto que ilustra essa situação não é desse mesmo dia)



Sentimos o cheiro do lanche, de pipoca. Fomos até a cozinha, as crianças estavam comendo em volta daquela grande mesa...saquinhos com pipoca, calda de chocolate e requeijão para comer com o pão, *matsá*. Uma delícia!

Encaminharam-se para o terreno ao lado, que tem ligação com o espaço da sinagoga: é um gramado, usado como um campinho de futebol. As crianças correm, se divertem. Usam só uma das traves e deixam o espaço da outra para os menores, que ficam mais perto das *morás*. Havia uma bacia com mexericas. Brincam e experimentam a fruta. Um dos meninos menores não queria experimentar, mas demonstrava vontade. Experimentou, adorou, pedia mais, mais... a *morá* tirava as sementes e ele comia com gosto!

Após o lanche, fiquei grande parte do tempo conversando com a *morá* dos menores, que me contou a história da festa, enquanto confeccionava “o chapéu do faraó”, com criatividade e uma habilidade incrível!

Nesse meio tempo, a coordenadora me mostrou os “livros da vida”, como eles chamam, com as diversas e muitas atividades desenvolvidas durante o tempo de formação deste espaço, de reconstrução histórica. Vê-se a importância dos símbolos, dos rituais. Vi a estrela de Davi e outros. São fotos das crianças trabalhando... passeios, visitas, tudo guardado e ilustrado com as atividades que fizeram. Percebo o cuidado e atenção para um paralelo com a situação atual dos judeus, com recortes de jornal, notícias, reportagens. É um material bonito, criativo e rico!

O espaço que fica ao lado da classe dos menores, onde os maiores fazem a “aula de artes”, percebo que, aos poucos, vai sendo remodelado. Há movimento lá, a coordenadora de vez em quando passa pela sala, pede uma opinião, pega algum material, conta que teve uma idéia...

Não acreditei quando vi o resultado final da transformação... Estava feito um salão de festa, com espaço para o “palco”, delimitado com panos pendurados, colados à parede, mesas ao longo daqueles dois “braços de L”, aparentemente desalinhadas, mas compondo um espaço aconchegante, com toalhas brancas, enfeites, com os pratos coloridos, as travessas maiores com os alimentos (ovos, batatas, pão, a pasta de maçã, chicória), para todos! Vale a pena destacar os

pratos: são quadrados, de vidro, com “pezinhos de pedras”, pintados pelas crianças, com a simbologia representada também nos desenhos, divididos, de certa maneira — com a criatividade que a tinta e as cores sugerem, permitem — em cinco, para cada um dos alimentos. Tudo integrado. É impressionante o cuidado, o detalhamento. Gostoso estar ali...

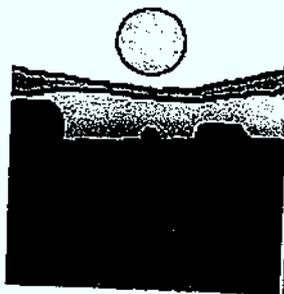
Os pais estão chegando, as crianças correndo, cuidando dos últimos detalhes, verificando se seus pratos estão ali, chamando os pais para se acomodarem nas mesas em que seus pratos estão. Todos sorriem, se cumprimentam.

A coordenadora conta sobre o trabalho e pede a um dos presentes, seu marido, que faça a prece. Ele canta, as *morás*, alguns pais e crianças acompanham. Parece que o canto tem ligação especial com a comemoração em questão.

Assisto à representação, depois eles começam a comer. Sinto-me um pouco de fora daquilo, e, como já estava no meu horário, pedi licença, agradei, elogiei, com sinceridade, e retirei-me.

(A foto que ilustra essa situação não é desse mesmo dia)





PESSACH: o jantar da vida

⁶ por Árvore do Bem

Pessach, a Páscoa Judaica - Nesta festa de oito dias, os lares judaicos se transformam em Santuários e as mesas em Altares. É quando as famílias podem expressar sua gratidão a Deus pela emancipação física e espiritual do homem. Saiba mais aqui sobre a Páscoa judaica.

A festa

Conhecida como a Páscoa Judaica, o ⁷Pessach é uma das principais comemorações do povo judeu. Dentro da tradição, são realizados vários jantares reunindo as famílias, sendo os dois primeiros e os dois últimos considerados os mais importantes. Esses jantares, conhecidos como *Seder de Pessach*, lembram a última noite do povo judeu no Egito, durante o período de escravidão. E seguem um ritual descrito na ⁸Hagadá, o livro que conduz as orações e relata toda a simbologia da história do Êxodo. As crianças, por sua vez, entoam canções cujos versos são perguntas dirigidas aos adultos sobre a importância da data.

O Pessach é celebrado durante 8 dias, sendo que o primeiro é o décimo quinto dia do mês judaico de *Nissan*. Como o calendário judaico é lunar, esse feriado varia ano a ano em relação ao calendário gregoriano, que é solar. Normalmente o Pessach coincide ou se aproxima da Páscoa Cristã. Neste ano, por exemplo, a festa é comemorada entre os dias 17 e 24 de abril.

História

Durante o período de escravidão no Egito, o povo judeu consegue escapar das terras do faraó. Para isso, Deus fez cair sobre os egípcios as dez pragas, cujo objetivo era forçar o soberano a libertar o povo da escravidão. Até a nona praga ele se manteve inflexível. E como último recurso, foi enviada a décima, que era a morte de todos os primogênitos egípcios. Assim, liderados por Moisés e ajudados por Deus, os judeus saem do Egito e chegam à Terra Prometida.

⁶ Página acessada em abril de 2004

⁷ Pessach é a mais antiga festa do calendário judaico, pois é celebrada há 3.200 anos.

⁸ A *Hagadá*, na forma pela qual é conhecida hoje, surgiu no século II e é fruto do trabalho de várias pessoas que viveram em épocas diferentes. Durante a Idade Média, nela foram incluídas orações, salmos apropriados e hinos especiais. Sem contar a Bíblia, a *Hagadá* foi a obra religiosa judaica mais traduzida. Já foram publicadas aproximadamente 3.500 *Hagadot* (plural de *Hagadá*).

O jantar

Os pratos preparados durante o *Seder* simbolizam etapas dessa passagem do Egito para a liberdade. O fermento, por exemplo, é proibido. Os judeus comem apenas *matsá* (pão ázimo), pois, na pressa de fugirem, não tiveram tempo de esperar o pão fermentar. No *Seder* também são recontadas passagens dessa história através da leitura da *Hagadá de Pessach* (o livro com as histórias da festa).

Simbologia

Os judeus costumam, durante o jantar, sentar-se na posição reclinada, o que representa realeza. Além da *matsá* (pão ázimo), também se come *maror* (erva amarga), para lembrar a amargura da escravidão. Um vinho especial é servido como expressão da alegria. O brinde é feito a Deus e toma-se um copo após cada oração. Em lugar de destaque na mesa, um copo extra é colocado para o profeta Elya (arauto da redenção), que, segundo a tradição, costuma visitar os lares judaicos na noite do *Seder*.

A *keará*, um prato especial, é colocada sobre a mesa contendo as seguintes comidas simbólicas⁹:

- *zeroá*: pernil de cordeiro, que foi o animal oferecido como sacrifício na noite antes da fuga do Egito. Também simboliza o “braço estendido” (Êxodo 6:6), com o qual Deus libertou os judeus do cativeiro;
- *carpaz*: ramos de salsa, salsão, ervas verdes ou verdura, simbolizando o renascimento da natureza na primavera e a esperança de libertação, que se renova após o inverno da opressão;
- *charosset*: mistura de maçãs raladas, nozes moídas, vinho tinto e canela, representando a argila que os antepassados dos judeus usavam na construção das obras do Faraó e a argamassa que, simbolicamente, será usada para a reconstrução do Templo, na era messiânica. Neste caso, o doce da mistura significa a alegria pela qual os judeus esperam;
- *beitzá*: ovo cozido e queimado, que lembra a oferenda festiva representativa da vida triunfando sobre a morte;
- água salgada: o recipiente com água salgada é associado com as lágrimas que os judeus derramaram com o trabalho pesado no Egito.¹⁰

No *Seder*, apagam-se as barreiras do tempo, desaparece o choque entre as gerações. Cada judeu, moço ou velho, torna-se um contemporâneo de Moisés. É este intenso reviver do passado que ilumina e enriquece o presente. Para os judeus, a comemoração da libertação do cativeiro do Egito é uma maneira de se identificar não apenas com os oprimidos do passado, mas com todos os que, hoje também, vivem aprisionados.

Outros dias de observação

⁹ Destas comidas se exclui, obrigatoriamente o *chamétz* — um termo genérico para todo produto proveniente de trigo, cevada, espelta, aveia e centeio, cujo consumo é, em *Pessach*, rigorosamente proibido.]

¹⁰ As receitas especiais de *Pessach* estão em <http://www.panelinha.com.br>

Conforme combinado com a coordenadora, eu estaria observando alguns encontros do espaço, para o meu estágio. O primeiro ocorreu antes da Semana Santa; não houve o encontro seguinte, por ser feriado no dia. Na outra sexta-feira, liguei para ela antes, para confirmar minha ida. Ela me disse que não valeria a pena eu ir até lá, pois uma das professoras não iria, que o dia seria atípico, haveria um tempo maior de "recreio", etc. Iriam só apresentar para as crianças o novo projeto, combinado entre as professoras, na última reunião que fizeram durante a semana. Depois eu ficaria sabendo a respeito das atividades do dia.

Fui na sexta-feira subsequente. Entrei pela cozinha, a coordenadora me recebeu, como sempre, sorrindo. Ela estava "arrumada", estranhei. Algumas crianças já haviam chegado, estavam preparando o pão para levarem para casa no final do dia, como fazem normalmente, em comemoração ao *Shabat*. A moça da cozinha fez a massa e com ela também estava preparando alguns "salgadinhos" para o lanche das crianças (outras), que estariam ali para um "acampadentro" no final de semana. Crianças da comunidade. Não procurei saber mais, porque percebi que não era o momento.

Cada criança que chegava preparava a sua rosca, trançando aquela massa bonita.

Enquanto isso, a coordenadora me contou que iriam viajar. Não entendi inicialmente, mas essa informação deu sentido ao fato de ela "estar arrumada".

Estariam comemorando o aniversário de 56 anos da Libertação de Israel e programaram uma "viagem" até lá.

Senti-me um pouco aliviada (pois eu não estava "arrumada"). Todos e tudo já estavam caracterizados.

O espaço funciona assim: para cada comemoração, todos encarnam seus personagens, o espaço respira aquilo. A coordenadora seria a aeromoça, a agente de viagem, por isso estava de coque no cabelo, enfeite, blusa alinhada.

Uma das salas seria o avião, (depois virou ônibus), com as cadeiras enfileiradas e um grande pano, delimitando o espaço, com janelinhas, logomarca, bandeira de Israel.

Havia mapas, fotos, figuras de locais de Israel por todos os cantos, por todas as salas. Chegou R., a *morá* dos maiores, com uma infinidade de cartazes, mais fotos de Israel. Ela vibrava, mostrava à coordenadora o que havia preparado. Dispôs as fotos nos cartazes de maneira tal, que formavam um caminho a ser percorrido pelas crianças. Escolheram em qual sala poriam cada um dos cartazes, o roteiro de viagem, combinaram os últimos detalhes de como encaminhariam o dia.

R. estava de chapéu de viajante, disse que era o preferido dos israelenses. Cantil, roupa confortável, tudo a que tinha direito. E ela se sentia à vontade nesse papel, pois, por diversas vezes, havia ido para lá e sabia muito bem do que estava falando, da mensagem e contribuição que daria às crianças.

Apareceu a *morá* de teatro, T., era a “Malak, uma turista que havia perdido seu voo e tentaria embarcar com eles para Israel”. Durante a “viagem” foi anotando tudo o que via pelo caminho, perguntava, não deixando de fazer seu trabalho com a expressão teatral, encenando, com gestos, comentários, a turista querendo conhecer o país. Dava suas contribuições para a data, transmitindo assim a cultura em questão.

É possível perceber que todo o trabalho proposto acontece em cada uma das encenações, pois essa é a proposta mesmo: passar, transmitir a herança cultural de maneira lúdica, explorando as diversas expressões — escrita, musical, plástica, sensitiva, teatral, sentimental — sem perder de vista o ser cidadão, o que é muito forte para esse povo.

T. fez questão de ressaltar, a mim, este aspecto, quando a *morá* R. contou da sirene que toca em comemoração, em sinal de pesar por quem lutou para a Independência de Israel. Ao ouvirem a sirene, todos, todos mesmo, param, param tudo o que estão fazendo e ficam do jeito e no lugar em que estão, um minuto, em sinal de respeito. R. e T. contaram que estiveram lá em Israel nesse período e que é impressionante a organização para essa mobilização, vinda do sentimento de patriotismo, cidadania. A coordenadora confirma. Ela também viveu lá por um bom tempo.

E acrescentou, contando que sua filha, que participa do grupo, nasceu em Israel, é “*sabra*”, como são chamados os habitantes do país, apelido dado em função de uma fruta de lá, espinhosa por fora, difícil de se pegar, mas quando aberta, doce por dentro, como os israelenses, depois de conhecê-los.

O dia da sirene é chamado de Dia da Lembrança, *YOM HAZIKARÓN*, comemorado um dia antes do Dia da Independência do Estado de Israel, o *YOM HAATZMAUT*.

Perguntei à *morá* T. como se escrevia em português o que falavam em hebraico. Muitas das informações que trago no relato desse dia me foram passadas entremeadas às encenações. Fiquei sabendo de tudo isso ao longo da “viagem”...

Início da “viagem”

A coordenadora A. conduz as crianças para o saguão da Sinagoga. O espaço está preparado para recebê-las, com murais, fotos, muitas fotos, figuras de locais, pessoas, histórias do país.

Numa mesa estão dispostos os materiais para o embarque. Cartões, passaportes.

Não usarei mais aspas... a viagem começou...

As crianças se apresentam, pegam o passaporte para preencher. Há um local para a foto, no qual desenham como se vêem, o que já denota uma intenção pedagógica por parte dos organizadores do evento. Cada um pode se mostrar como quer, cada um é um, único, singular. Escrevem o nome em português e usam o carimbo com letras em hebraico. Há canetinhas à vontade, em caixas, para todos. E se dirigem ao avião. Não consigo acompanhar todos os passos.

Converso com a *morá* T. que, enquanto auxilia os menores com o passaporte, me conta, numa entrevista informal, como conheceu o espaço, a proposta. Pergunto como se fala o nome do espaço e ela anota para mim: *Beit Sefer Shelanu*. Algo como *nossa casa de estudo*. A escola é chamada Nossa Escola, nome escolhido pelas crianças. (A conversa com T. será relatada oportunamente.)

As crianças estão no avião. Chego e A. está esclarecendo o que vão fazer, os motivos da viagem. Está comparando o aniversário de Israel com o do Brasil, 26/04 e 22/04, respectivamente. Disse que aqui não foi feriado, mas lá é. Pergunta se alguém tem pai, parente com mais ou menos 56 anos, que é a idade do país. E assim vão localizando, contando como foi fundado o país, a motivação do povo, que "queria um lugar para morar".

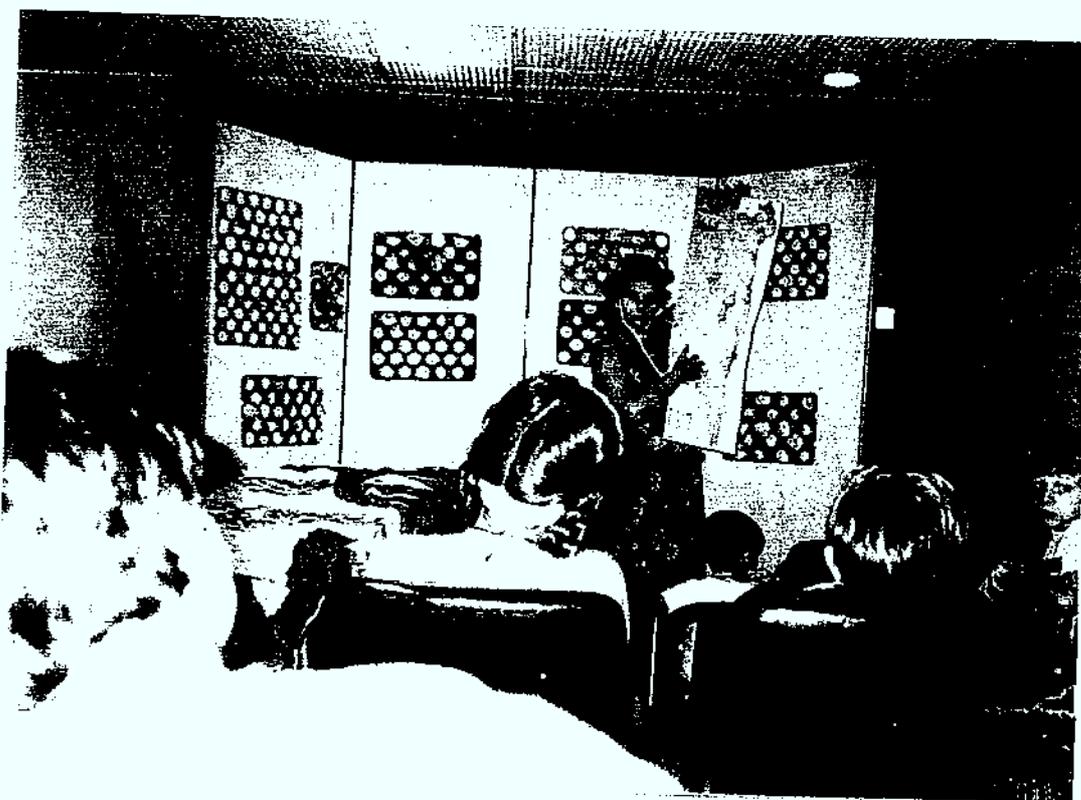
Malak anota tudo, pergunta, está a perfeita turista.

(foto do "avião")



Ao chegarem a Israel, a *morá* R. explica a primeira parada, situando no mapa onde estão. **RAMAT HAGOLAN**, ponto estratégico, alto, lugar de onde se vê ao longe. Há trincheiras, porque foi palco de muitas lutas. Foi território da Síria e terá que ser devolvido. Explica que é de lá que vem toda a água de Israel, mostrando as áreas verdes em meio às montanhas, por causa da nascente. Conta e insiste que, para a devolução do território, teria que haver garantias para continuarem usando a água, para que houvesse realmente um Tratado de Paz, pois o povo de lá depende deste lugar.

(foto da "chegada")



O segundo lugar que visitamos foi o **Zoológico Bíblico**, onde habitam animais que foram citados na Bíblia. Conta a história de Abraão, **AVRAHAM**, afirmando que, até hoje, existem pessoas que vivem como ele: pastores, beduínos. As crianças ficam curiosas, querem ver as fotos de perto, perguntam da vida dos beduínos.

Tel Aviv e Yafo, duas cidades, dois povos diferentes, que convivem bem. Uma, dos israelitas; outra, dos árabes. Há um acordo informal. A convivência pacífica é ressaltada pela *morá* Rosara. As crianças perguntam como pode ser possível, já que estão falando da luta entre os povos. Pela própria conformação da cidade, isso aconteceu. Vêem-se fotos da feira. As cidades vivem do comércio, do porto.

Uma das salas foi transformada em **restaurante**, para o lanche das crianças. Lá está exposto o cardápio, em hebraico, e como se pedem as comidas. As mesas estão arrumadas, com vasos de flores, inclusive. Em cada detalhe se percebe a preocupação deles em caracterizar bem os espaços a serem utilizados. Observo pouco este momento, pois aproveito para conversar com duas mães, uma delas que já teve filho no espaço e outra que ainda tem (ver entrevista). Sei que comeram bolo de chocolate e tomaram coca-cola.

Após o lanche, param numa **loja de souvenirs**. Confeccionam bonequinhos, vestido com as cores da bandeira de Israel. É a presença da *morá* Márcia com suas artimanhas. Cada boneco representa cada um deles, descendentes do povo de Israel.

Voltam ao saguão da Sinagoga. Lá está o **Muro das Lamentações**, a parede que restou do templo de Salomão, muito bem representada com caixas de papelão.

As crianças escrevem seus pedidos e os colocam no muro.

Há fotos do local, Jerusalém, onde estão as marcas da três religiões monoteístas. Primeiro o Túmulo do Rei David, depois a Sala da Santa Ceia e, por último, em local mais baixo, as Cúpulas Muçulmanas. Não sei direito explicar.

O tempo passa rápido, as *morás* estão preocupadas, porque parece que não vai dar para percorrer todo o itinerário previsto.

Sétimo lugar, **Massada**, local onde se refugiaram, e do qual, depois, Herodes se apossou e utilizou como forte. Não entendo muito bem tudo, há que se conhecer bem a história.

Penso que também as crianças devem ter suas dificuldades, mas a mensagem desse conhecimento é passada como sentimento, sentido de pertença, que é o objetivo principal. Desperta a sensibilidade para que isso ocorra, para que saiam em busca, em momentos oportunos, de aprofundamento daquilo que estão vivenciando hoje. Penso eu ..., pois é assim que me sinto, apesar de, como comento com elas, quando mostram o mapa e explicam dos conflitos com a Síria, eu estar bem "ali no meio", pela minha ascendência árabe... da qual muito me orgulho, e de minha filhas terem também ascendência judaica... "No meio"...

Estamos de volta a uma das salas, já arrumada para a recepção dos pais, alguns dos quais já chegaram e participam das últimas visitas. Ouvem as explicações de **Massada** e do **Mar Morto**.

A *morá* R. já havia explicado às crianças o porquê do nome do mar. Retoma, mostrando as fotos, contando que já se banhou lá, como foi, como fica o corpo por causa do sal. Uma das mães pergunta se há vida nesse ambiente. R. e as crianças explicam que não e os motivos.

É muito interessante essa interação entre as crianças, as *morás* e os pais. Nesse final de dia, ela acontece muito espontaneamente, mas ao mesmo tempo são preservadas as relações. Uma das crianças, um garoto, entra na frente dos outros, ao ver as fotos. Está com a mãe ao lado. A *morá* pede que saia ele não sai, ela insiste e fala firme com ele. A mãe não intervém em momento algum. A referência ainda não é a dela, apesar de já estar ali, e percebo isso num clima de muito respeito. Aliás, pela convivência que já tive com alguns judeus, é assim que acontece — é uma característica nas suas relações. Também não ocorre com todos. Logo em seguida, ao passarem um vídeo, de um programa de TV, (parece TV educativa), uma das meninas está, como sempre, irrequieta, rolando pelas almofadas, e a mãe, preocupada, insiste para que preste atenção no vídeo. Não consegue e as *morás* também não insistem. É o momento dela, já está cansada, talvez.

No programa de TV chama-me a atenção o trabalho desenvolvido conjuntamente, com as diferentes idades participando, como na *Beit Sefer Shelanu*. Comparo, pois percebo essa convivência no espaço, assim como a valorização da convivência entre eles, alunos, professoras e pais. Os menores aprendendo com os maiores.

Cantam uma música em hebraico, parece falar de algumas partes do corpo, que se vão repetindo à medida que outras vão sendo acrescentadas. E quem erra recebe um castigo, uma gozação. Nem tudo eu consigo entender e muitas vezes não tenho como perguntar ali, na hora. A. me conta depois que é isso mesmo. Comento do que notei da mãe e ela me diz que foi procurada por ela, queria uma cópia da fita, e que tem mesmo essa preocupação, com a filha, de que ela possa aproveitar tudo, de querer ensiná-la.

Assistem ao vídeo. A mesa de *Shabat* está posta. É servido um suco de uva, no lugar do vinho. Uma das crianças, que está ao meu lado, me oferece. Aceito, quero saber o motivo, ela não sabe me explicar direito.

A. convida os meninos para a cerimônia e um deles faz a prece, oração. Todos já sabem que serão os meninos a fazer. Fico meio perdida, não percebo direito por quê. Tento perguntar, conto que percebi. Esse final de dia é entremeado pelas despedidas, não dá para conversar direito. A., como sempre, me acolhe, tenta me explicar rapidamente, mas também denotando que não devo dar muita importância ao fato. Não insisto. Tento saber de algumas coisas, mas por outro lado, não insisto, respeito, acho que minhas observações devem ser pautadas por um limite também, na medida em que esse tipo de cerimônia é particular, deles.

Experimento o pão e me despeço.

Outro dia...

As crianças foram chegando, como sempre, pela cozinha, fazendo a rosca de Shabat...

(As fotos que ilustram essa situação não são desse mesmo dia)



A coordenadora me explicou que iriam continuar o trabalho iniciado há duas semanas, sobre a história de vida de cada um. No dia em que apresentou o novo projeto estiveram presentes poucas crianças, então iria "repetir" o que havia explicado, refazer o início do trabalho com alguns e começar a coletar as informações com quem já havia trazido.

Para sensibilizar as crianças com o novo projeto, a *morá* T. iria fazer um relaxamento com eles, para que pudessem "aflorar" histórias, memórias de situações vividas por eles, com suas famílias. Trabalharia com os dois grupos de crianças maiores, separadamente. A *morá* dos menores ficaria com eles trabalhando a parte de desenhos, recortes, colagens e, depois, numa outra oportunidade, também trabalharia com os maiores.

A coordenadora iria começar o trabalho de registrar, escrever as histórias trazidas por aqueles que já haviam elaborado melhor a proposta. Inicialmente fizeram uma história em quadrinhos, para que a seqüência de idéias estivesse mais presente na hora de elaborar o texto. O texto seria em português, com algumas palavras em hebraico: nomes significativos, simbólicos, nomes de festas, etc.

A proposta deste espaço de educação, de reconstrução da história a que pertencem estas crianças, que fazem parte deste povo, está presente em cada atividade apresentada pelo grupo das *morás*. Elas se reúnem regularmente, combinam os projetos a serem apresentados às crianças.

Todos os trabalhos são pensados, tanto no aspecto histórico como no plástico e/ou das expressões. Quem chega ao espaço encontra o clima já instalado: há um envolvimento grande das *morás*, inebriante, não há como não se envolver. Cada dia que chego, passo por uma nova surpresa...

Este trabalho, da história de vida de cada um, irá continuar por algumas semanas, porque nesse meio tempo haverá outras festas, outras comemorações...

Tive que sair mais cedo, mas sei que o dia transcorreu normalmente, a finalização dos trabalhos do dia com a oração de *Shabat* e a entrega da caixa¹¹ para a criança “da vez”. Não entendi direito, ainda, como é essa caixa; sei que cada semana uma criança a leva para casa e parece que são sempre os meninos. Não haveria apresentação de nenhum trabalho especial aos pais, pois ainda não terminaram.

Outros dias...

Na semana do Dia das Mães estava programada a festa da fogueira, mas, como choveu, foi cancelada. A. me contou que estavam com poucas crianças e, já que a festa da fogueira — que era o que mais me interessava — não iria acontecer, não fui ao espaço, também porque eu ia visitar minha mãe.

Fizeram atividades quaisquer e, como uma das crianças levava um instrumento, A. pensou em fazer o encerramento no saguão da Sinagoga. Contou-me depois, “para dar mais visibilidade” ao projeto, visto que as pessoas que vão para o *Shabat* já estão chegando àquela hora. Também estão com um rabino novo na sinagoga, recém-contratado, e seria uma maneira de ele conhecer o trabalho. O rabino veio dos EUA e não fala português, me contam.

Na outra semana não pude ir por motivo de falecimento na minha família.

A festa da fogueira continuava adiada, para minha sorte.

Mais um dia...

A. me diz que estariam comemorando três datas significativas no calendário judaico e, pelo que vi e li no folheto que me enviou, são “resumidas” no *SHAVUOT* (as semanas após a passagem do Mar Vermelho, a festa da colheita e a do recebimento da *Torá*).

A moça que ajuda na cozinha não pôde ir e a *morá* M. estava fazendo a *chalá* (*lê-se ralá*) com as crianças que chegavam. Foi diferente, porque a *morá*

¹¹ A caixa — fiquei sabendo depois — é de madeira, ornamentada, e contém objetos para que em casa se realize a cerimônia de *shabat*. Além disso, há também um caderno no qual as crianças podem anotar o que quiserem, como registro da visita da caixa a sua casa.

tem a preocupação de ensinar a fazer, de mostrar procedimentos para fazer a trança, os rolinhos com a massa, de chamar atenção para texturas, cheiros. Apreciava o que estavam fazendo, elogiava, dava "os toques" para que ficasse bom, com tamanho, grossura adequada para poder assar... Ensina a passar o ovo na rosca montada, o gergelim, para quem quisesse...

Uma das crianças mexia no pote com gergelim...textura, grãos, novos para ela, com certeza...

São situações, que a *morá* M., em especial, sabe muito bem aproveitar.

Perguntei quem iria tomar conta do forno, ela me respondeu "não dá para fazer tudo e ao mesmo tempo". Entendi que não era ela, com certeza, mas, se precisasse, ela ficaria.

Havia poucas crianças novamente. A *morá* M., iria acompanhar o trabalho que seria feito com os maiores, levando os menores, até que eles se cansassem.

A *morá* R. inicia a viagem do dia. Procura as chaves da porta de vidro, que sai para um jardim de uma das salas. Acha, consegue abrir e chama as crianças. Estão fazendo o caminho pelo deserto, até o Monte Sinai, onde o *Moshé* receberá os sinais de Deus e fará as Tábuas da Lei.

Chegam ao pé da escada, o Monte Sinai. A *morá* começa a ler, mostra o livro, é em hebraico, antigo. Falará em português a história que está lendo. Começa a contar e pede que as crianças participem, fazendo os barulhos dos sinais enviados por Deus (raios, trovões, ventanias). Eles participam pouco. Aparece a *morá* T., caracterizada como *Moshé*, com as Tábuas da Lei (grandes papelões, escritos, no formato que conhecemos), simulando estar pesado, pois foram feitas de pedra.

Nesta caracterização, neste cenário é que acontece o trabalho do dia. Vão discutir cada mandamento. O que significou, o que pode significar na nossa vida, no nosso dia-a-dia. Querem dar a eles uma conotação ética e a discussão acontece desta maneira:, falam do dia-a-dia, dos relacionamentos com os colegas, com os pais, irmãos...

Algumas crianças se envolvem mais que outras. A *morá* fornece um material xerocado, onde está escrito cada mandamento e há um espaço para que

anotem, desenhem o que discutem. Os menores também o recebem e a *morá M.* os orienta. Ao mesmo tempo, confecciona um adereço: aqueles panos que usam na cabeça. São três os menores, mas um não quer colocar, ela o coloca, então. E vai explicando, “traduzindo”, fazendo chegar a eles a mensagem de cada mandamento. Eles se cansam, ela se afasta com eles, começam a preparar o lanche, a levar para o terreno. Vou junto. Ela prepara a mesa de piquenique com as crianças, arrumando as toalhas, ajeitando, distribuindo as comidas, os pratos, talheres. Repara nos cheiros, nos alimentos, comentando o significados deles, de que não me recordo especificamente, mas que são relacionados à colheita.

A. me conta que num outro ano fizeram a festa da colheita indo visitar a Fazenda lamaguishi, que foi muito legal, mas que este ano fariam ali mesmo, no terreno. O lanche é especial, cada alimento com um significado. Há leite (para acompanhar, sucrilhos), bolo de laranja, frutas. Os menores já querem comer, não querem esperar os maiores. *Morá M.* os distrai, brincando de caçador e animais. Pergunta se alguém se recorda de como era a brincadeira e, para sua surpresa, eles lembram. Ela comenta comigo que já faz tempo que brincaram e achou que não se lembrariam. Eles lembraram assim que ela entoou a cantiga, em hebraico, que acompanha a brincadeira, e eles tinham que repeti-la.

Também não fiquei até o final do dia, tinha trabalho para apresentar na Unicamp e precisava ir. Mas sei que iriam continuar o trabalho e depois apresentá-lo também no saguão da Sinagoga. Assim como no outro dia, para chamar atenção da comunidade e porque um dos meninos trouxera um violão e poderiam “animar” o encerramento.

A. aproveita o horário do lanche, quando o menino está tocando violão, e socializa a idéia de trazerem instrumentos ou revelarem quaisquer outros talentos que porventura tenham, para compartilhar com todos, ali, no espaço.

Por hora, finalizo aqui meu relato do diário.

Sei que o trabalho continua, de acordo com o calendário judaico...

Calendário de Festas Judaicas - 5763

2002-2003

5764

2003-2004

5765

2004-2005



SHABAT - Comemorado toda semana, de sexta-feira ao entardecer até sábado no início da noite. Dia sagrado de descanso.

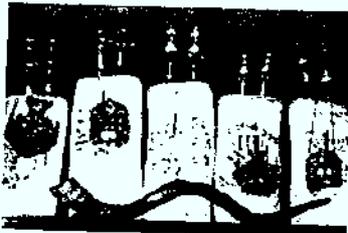


ROSH HASHANÁ - O Ano-Novo judaico, dia em que o Senhor do Universo julga os seres humanos e decreta seu destino.

Sáb / Dom
7/8 Set

Sáb / Dom
27/28 Set

Qui / Sex
16/17 Set



YOM KIPUR - Dia do Perdão. É a data mais sagrada do calendário judaico. Nesse dia de introspecção, arrependimento e jejum, é confirmada e selada a sentença decretada no Ano-novo.

Segunda
16 Set

Segunda
6 Out

Sábado
25 Set

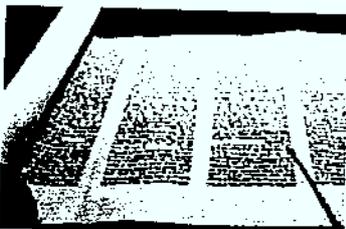


SUCOT - Festa das Cabanas. Durante sete dias, somos ordenados a habitar em cabanas semelhantes às tendas nas quais os israelitas moraram durante seus 40 anos no deserto, após o Êxodo do Egito.

Sáb / Dom
21/22 Set

Sáb / Dom
11/12 Out

Qui / Sex
30 Set/1 Out



SHEMINI ATZERET, "Convocação do Oitavo Dia", marcando a conclusão do feriado de Sucot, e **SIMCHAT TORÁ**, comemorando alegremente o término do ciclo anual da leitura da Torá e o início de um novo ciclo.

Sáb / Dom
28/29 Set

Sáb / Dom
18/19 Out

Qui / Sex
7/8 Out

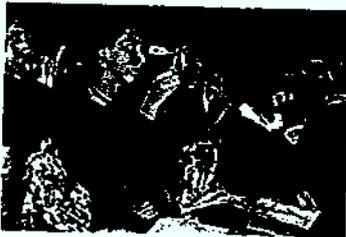


CHANUCÁ - Festa das Luzes, quando comemoramos a vitória dos Macabeus e a reconsagração do Templo de Jerusalém profanado pelos opressores pagãos.

Sáb / Sáb
30 Nov/7 Dez

Sáb / Sáb
20/27 Dez

Qua / Qua
8/15 Dez



PURIM - Celebramos a salvação dos judeus da Pérsia e o heroísmo da rainha Ester.

Terça
18 Mar

Domingo
7 Mar

Sexta
25 Mar

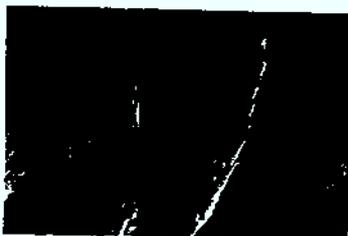


PESSACH - Comemora a libertação dos filhos de Israel da escravidão no Egito. Os dois últimos dias de Pessach também são feriados religiosos.

Qui/Sex
17/18 Abr
Seg /Ter
12/13 Abr

Qua/Qui
23/24 Abr
Dom/Seg
24/25 Abr

Ter/Qua
6/7 Abr
Sáb/Dom
30 Abr/1 Mai



SHAVUOT - Festa com um significado agrícola e espiritual, marcando a outorga da Torá ao povo de Israel, no Monte Sinai.

Sex / Sáb
6/7 Jun

Qua/Qui
26/27 Mai

Seg/Ter
13/14 Jun

Análise

A escolha desse espaço de educação para ser estudado e analisado aconteceu quase naturalmente. Coincidentemente, na mesma semana em que a professora nos deu, durante a graduação, a tarefa de um estágio em educação não-formal, apareceu em casa uma amiga, uma pessoa a quem muito admiro e que fazia um tempo grande que não via. Comentamos, entre outras coisas, da minha necessidade de fazer um estágio. Essa amiga tinha sido aluna da professora, que também a conhecia há muito tempo. Pude perceber, ao longo de todo o trabalho, o interesse de ambas em discutir esse espaço. Uma focalizando a questão da formalidade, ou não do trabalho educacional. Outra, focando as implicações religiosas, ou não do mesmo. E eu nesse meio... fui adentrando e me encantando.

As questões ficaram comigo, pois seria eu que tentaria discuti-las.

Há um segundo ponto no meu envolvimento com o tema: a constatação da existência deste trabalho calou fundo num lado pessoal meu. Venho de uma família muito grande e unida, de imigrantes provindos do Oriente, embora não judeus, em que muitas das questões culturais foram perdidas ou nem ao menos mencionadas, mas aquelas que foram preservadas são motivo de muita alegria, de identificação, de sentimento de pertença, de orgulho familiar e raiz para pensar quem somos nós.

Por isso a proposta me atraiu tanto, pela possibilidade de conhecer um trabalho de reconstrução histórica e cultural de um povo e de perceber como isso pode se estender a todos os outros.

Faço este comentário somente para situar a importância que tem este trabalho para mim e porque foi ele a minha escolha para uma monografia de final de curso.

A orientação para realização do estágio propunha que eu observasse aspectos da metodologia da proposta educacional e resultou num trabalho em que tive oportunidade de conhecer um tema que despertou um grande envolvimento cultural e afetivo, além de levantar questões e análises sobre a construção de identidades.

A proposta de se fazer um trabalho com esse tipo de proposta — a *Beit Shefer Shelanu* — veio do anseio de algumas pessoas pela reconstrução da sua história, para manter a identidade do seu grupo étnico e transmiti-la às novas gerações.

Segundo MOREIRA (1997), as identidades são construções ideológicas de cada sociedade, conforme as circunstâncias históricas de cada uma e "funcionam no plano simbólico, servindo como orientação de conduta, como instrumento de coesão entre indivíduos e sociedade".

Como dito no histórico do espaço educacional estudado, a vida religiosa não é o único elo de identidade entre os membros dessa comunidade campineira, mas também o conhecimento e vivências conjuntas dos aspectos históricos e culturais. O grupo reconhece assim, que a iniciativa se deu, ao mesmo tempo, pela carência não só de atividades relacionadas ao ensino e educação judaica, mas também de formação de novos membros da comunidade e que o trabalho seria desenvolvido visando a transmissão de valores inerentes à herança cultural, histórica, religiosa, social.

A cultura, segundo LARAIA (1992), que cita Edward Tylor "é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade". E acrescenta que " a cultura não é algo congênito, que o ser humano adquire por meios biológicos, mas se trata de algo aprendido, adquirido pela transmissão social e, portanto, pela educação".

MOREIRA (1997) também comenta sobre como se dá essa transmissão e isso penso ser importante destacar e relacionar com o trabalho desenvolvido na *Beit Shefer Shelanu*

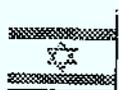
O indivíduo é inscrito numa tradição através de um relato. Passa a se sentir pertencente a uma sociedade à qual deve lealdade pelos laços de solidariedade construídos com os demais indivíduos que assim também se sentem. Recebe valores que lhe dão o sentido do real, formam sua visão de mundo e por eles passa a orientar sua conduta. Enfim, uma ideologia enquanto representação coletiva é construída e, por ela, cria-se uma identidade. Aquele relato é feito num

determinado idioma, cuja gramática estrutura modos de pensar. E este relato se refere a determinados espaços geográficos, a um determinado passado e tem os olhos voltados para um certo futuro.

A identidade é o relato que insere o indivíduo na sociedade[...] Assim, esta história, o modo como é contada, a escolha que se faz dos fatos, o que se ilumina e o que se deixa na sombra, o ritmo, o tempo que ela perpassa, variam conforme seus contadores[...], que recortam, escolhem, valorizam, omitem ou revelam o que lhes parece significativo em cada e para cada momento.”

Se o que diferencia um povo do outro é sua história e a maneira pela qual ela é contada, as escolhas feitas pelo grupo responsável pelo trabalho na *Beit Shefer Shelanu* denotam sua intencionalidade. O trabalho é desenvolvido tendo com base três grandes conteúdos: *Torá* e Tradição, História atual e “antiga” do Judaísmo e Projetos e a língua hebraica.

É importante, neste momento, uma reflexão a respeito do judaísmo.



O Judaísmo

A religião — monoteísta, considerando Deus o criador supremo — e o conjunto da cultura judaica compõem o conceito de judaísmo, responsável pela unidade desse povo descendente dos hebreus e zeloso de suas tradições, histórias e cultos religiosos

No Antigo Testamento da Bíblia estão as escrituras do judaísmo. A prática religiosa judaica está baseada na *Torá*, que rege a vida espiritual, moral e religiosa dos judeus, e nos Dez Mandamentos, transmitidos por Deus ao líder Moisés, segundo as palavras bíblicas.

Nas sinagogas, associações da comunidade e congregações são realizados os cultos religiosos, que têm como autoridade o rabino. Na vida doméstica também existem práticas muito importantes para o judaísmo, como o descanso semanal do *shabath* e os preceitos relativos à dieta alimentar.

Fonte: <http://mitpovos.prefeitura.sp.gov.br>¹²

¹² Acesso em outubro de 2004.

Pelo que se pode observar, o judaísmo se funde como religião e tradição do seu povo. No trabalho na *Beit Shefer Shelanu* também estão presentes essas duas vertentes, desde a escolha do dia em que são realizadas as atividades, na sexta feira à tarde, para que as atividades terminem e culminem com a cerimônia do *shabat*, até a escolhas dos conteúdos a serem apresentados e desenvolvidos.

Cabe agora diferenciar educação não-formal e formal, para assim podermos analisar, entender o porquê da escolha dessa metodologia de trabalho – educação não-formal - para um espaço como esse.

Educação formal consiste em um

tipo de educação organizado com uma determinada seqüência e proporcionada pelas escolas, enquanto que a designação educação informal abrange todas as possibilidades educativas no decurso da vida do indivíduo, constituindo um processo permanente e não organizado. Por último, a educação não-formal, embora obedeça também a uma estrutura e a uma organização (distintas, porém, das escolas) e possa levar a uma certificação (mesmo que não seja essa a finalidade), diverge da educação formal no que diz respeito à não-fixação de tempos e locais e à flexibilidade na adaptação dos conteúdos de aprendizagem a cada grupo concreto” (AFONSO, 1989, p.78)

A educação não-formal pode ter caráter “reformador” ou “transformador” e, no caso desse espaço, penso que esses aspectos se combinam, pois ao mesmo tempo que se busca suprir uma carência cultural, também se procura a reconstrução da história e da cultura deste grupo étnico para melhor embasar a formação da fé religiosa.

As instituições de caráter reformador seguem a orientação da “carência cultural” e das posturas assistencialistas, ao passo que as de caráter transformador seguem a orientação calcada na valorização e ressignificação das práticas culturais em seus devidos contextos (SIMSOM,2001, pág. 22).

O que vi no espaço foi a transmissão de um conhecimento de forma não obrigatória. Isso não quer dizer que não haja interesse em transmiti-lo; pelo contrário, há todo um envolvimento, por parte das educadoras e da coordenação, para que esse trabalho aconteça e isso é transmitido às crianças e a seus pais, com a divulgação das atividades, envolvendo a coletividade, a comunidade.

Tal envolvimento favorece a decisão do grupo familiar de inserir a criança no programa educacional numa idade bastante precoce, quando ainda não é possível a ela a opção por si própria. Isso, porém, em nada compromete o prazer com que os alunos se entregam às tarefas propostas.

A freqüência por parte dos alunos advém dessa participação; pelo menos é esse o intuito: não haver obrigatoriedade, e sim, envolvimento, cooptação, sedução.

... apresentar caráter voluntário, proporcionar elementos para a socialização e a solidariedade, visar ao desenvolvimento social, evitar formalidades e hierarquias, favorecer a participação coletiva, proporcionar a investigação e, sobretudo, proporcionar a participação dos membros do grupo de forma descentralizada" (SIMSON, p. 11).

Há também a preocupação, no espaço educacional pesquisado, de que a proposta aconteça de forma lúdica, prazerosa. É possível perceber que todo o trabalho proposto acontece em cada uma das encenações, e é essa a proposta mesmo: passar, transmitir a herança cultural de maneira lúdica, explorando as diversas expressões — escrita, musical, plástica, sensitiva, teatral, sentimental.

... As atividades de educação não-formal precisam ser vivenciadas com prazer, em um local agradável, que permita movimentar-se, expandir-se e improvisar, possibilitando oportunidades de troca de experiências, de formação de grupos (de proximidade, de brincadeiras e de jogos, no caso de crianças e jovens), de contato e mistura de diferentes idades e gerações. (SIMSON, p. 10).

A proposta envolvente, sedutora, do programa tem também o objetivo de mantê-los ligados ao mesmo grupo — sempre heterogêneo, inclusive quanto ao gênero — até a adolescência, para que o ciclo formativo tenha oportunidade de se completar.

Além disso, há o respeito a cada faixa etária, valorizando-a e proporcionando atividades integradas ao todo da proposta, mas que estejam ao alcance da criança.

cada fase da idade tem sua identidade própria, sua finalidade própria e tem que ser vivida na totalidade dela mesma e não submetida a futuras vivências que muitas vezes não chegam. Em nome de um dia chegar a ser um grande homem, um adulto perfeito, formado, total, sacrificamos a infância, a adolescência, a juventude. (ARROYO, 1995, p.19).

Esse respeito, só para exemplificar, está presente em detalhes, sutis, no decorrer do trabalho, como se pode notar quando foi proposto, na "viagem a Israel", o preenchimento do "passaporte", no qual existe um espaço delimitado para a foto. Ali, cada aluno desenha-se como se vê. Essa orientação denota uma intenção pedagógica por parte da equipe: garantir que cada um possa mostrar-se como quiser: cada um é um, único, singular.

O encontro dos pais e filhos no final do dia, além de fazer parte de mais um ritual "do conteúdo", o *Shabat*, também revela a preocupação em socializar o conhecimento, em fazer com que cada um possa sentir-se integrado, efetivamente, através dos seus laços afetivos, como vivência social, cultural, procurando estabelecer, manter os laços entre esses sujeitos.

Em uma dinâmica de exploração das diversas formas de saber, existe a preocupação do envolvimento não só das crianças, jovens [...], mas também de toda a comunidade para se buscar a construção de uma identidade ... Dentro dessas perspectivas, estão inseridos trabalhos com a memória e a cultura, em que os costumes e tradições próprios da comunidade serão ressignificados, tendo como alvo desse processo a reapropriação dos conhecimentos da cultura popular. (SIMSON, p. 13)

Ainda, a partir da leitura de SIMSON, (p.11), pensando no intuito deste espaço, o que pude observar é que a proposta da *Beit Sefer Shelanu* é expressão viva de uma das características de um espaço de educação não-formal, pois trabalha com a cultura desses indivíduos, especificamente.

A educação não-formal considera e reaviva a cultura dos indivíduos nela envolvidos, incluindo educadores e educandos, fazendo com que a bagagem cultural de cada um seja respeitada e esteja presente no decorrer de todos os trabalhos, procurando não somente valorizar a realidade de cada um, mas indo além, fazendo com que essa realidade perpassasse todas as atividades. (SIMSON, p. 11)

A proposta de se fazer este espaço veio de um anseio de algumas pessoas, pela reconstrução da sua história, para manter a identidade desse grupo. A comunidade em questão inseriu-se no projeto, mesmo porque — e este é um fator também importante — é uma comunidade que, embora não constituída por camadas baixas da população, historicamente esteve marginalizada socialmente, por questões culturais, o que constitui outro aspecto da educação não-formal. Há a promoção da inserção social no sentido de fortalecer, através do conhecimento, práticas culturais próprias e, com elas, ou através delas, poder ter a perspectiva de construir-se e constituir-se como grupo, buscando identidades próprias, transformando a conotação social que o próprio grupo possa ter.

Simon nos revela que "... surgem [...] grupos preocupados em propor alternativas que melhorem a forma de inserção de um grande contingente de pessoas da realidade brasileira..." (SIMSON, p12)

Como cita VALADARES (2004), falando da história da comunidade judaica em Campinas,

"...Poloneses e bessarábios, chamados de russos, substituíram os alsacianos. Eles também são comerciantes como os anteriores. Porém, como pretendem fixar-se na cidade, organizam a Sociedade Israelita Brasileira Beth Jacob, fundada em 12 de outubro de 1927,...para aglutinar a

população local em comunidade...Sem condições financeiras de manter um rabino formado, a comunidade manteve o costume de recorrer a conhecedores laicos das tradições religiosas para o comando das rezas coletivas...”

Isso se faz presente também com a participação e a importância que têm os educadores envolvidos no trabalho.

“Isso pode se concretizar através da participação efetiva dos educadores envolvidos com os educandos. Membros da comunidade de entorno podem contribuir com a proposta, fazendo sessões de conversa, evocando memórias sociais e vivências de infância” (SIMSON, p10).

No caso desse espaço, que foi idealizado por um pequeno grupo de educadores, ligados a esse grupo étnico, obviamente, mas também com vivências e “olhares” para este tipo de trabalho educacional não-formal. São pessoas que moraram, conviveram em espaços parecidos, como os kibutz, em Israel. Hoje o grupo atuante é homogêneo nesse sentido, com vivências próximas, mas também com formações distintas, para que se dê a multiplicidade de trabalhos, nas diversas áreas de expressão e linguagem.

“Para que as atividades propostas se viabilizem na prática, é necessário ter uma postura e sensibilidade por parte dos educadores que nelas trabalharão para, num primeiro momento, captar os anseios e os conhecimentos...” (SIMSON, p13)

As crianças têm a possibilidade de vivenciar, neste espaço, práticas que estarão presentes no decorrer de suas vidas, se assim escolherem, como a vivência na cultura do seu grupo de origem. A princípio, não seriam elas quem estariam fazendo as escolhas, mas vivenciando o trabalho, terão oportunidade de o fazer com mais consistência e de maneira mais afetiva.

“A educação não formal poderia ser exemplificada por práticas em que o compromisso com questões que são importantes para um determinado grupo é considerado ponto fundamental para o desenvolvimento deste trabalho” (SIMSON, p10)

O espaço de educação não é só não-formal, mas também de formação de uma fé religiosa, como dito no início dessa análise, visto que a fé religiosa para os judeus está interligada com a transmissão da sua história e cultura.

O artigo "O segredo da continuidade judaica", do professor Jonathan Sacks¹³ (in *Chabad*, agosto de 1993) nos dá uma boa dimensão do significado da educação para esse povo e como ela pode ser peça fundamental na transmissão da cultura e da religiosidade.

O povo judeu, pela sua condição histórica, foi disperso através dos tempos. Onde estivessem estavam sempre em minoria, por isso despendeu energias visando a sua continuidade, com a transmissão de sua cultura através das gerações. E isso se deu pela educação, valor essencial na cultura judaica, não no sentido estreito e formal de aquisição de conhecimento, mas como algo mais vasto, com os ensinamentos da *Torá*. Por isso os judeus sabiam quem eram, conheciam sua história, construindo assim o senso de identidade.

Ser judeu é ser um elo na cadeia de gerações. É ser um filho e depois um pai, receber um legado e passá-lo adiante. *Moshê* "recebeu a *Torá* no Sinai e passou-a adiante..." e assim devemos nós ... A primeira ordem na *Torá* não é crer, mas ter filhos. *Avraham* é escolhido não por ser justo ... mas porque 'ele instruirá seus filhos e sua família depois dele.' Na iminência do êxodo do Egito, *Moshê* não despende tempo falando ao povo judeu sobre a terra de leite e mel que os aguarda do outro lado do Jordão. Em vez disso, ele os instrui como deveriam ensinar as futuras gerações. "

"Em um dos versículos mais famosos da *Torá*, *Moshê* ordena: 'Ensinareis estas coisas diligentemente a vossos filhos, falando delas quando estiverem em casa ou quando viajarem, quando se deitarem e quando se levantarem.'"

¹³ A ele pertencem as citações que virão, a seguir, neste capítulo.

A identidade, para os povos, é fornecida através da cultura circundante e pelas instituições. Para os judeus, nem sempre havia esse ambiente. Com a tradição, conseguiram manter sua cultura através dos tempos, baseados na crença, na vocação religiosa, na compreensão de "quem eles foram chamados a ser".

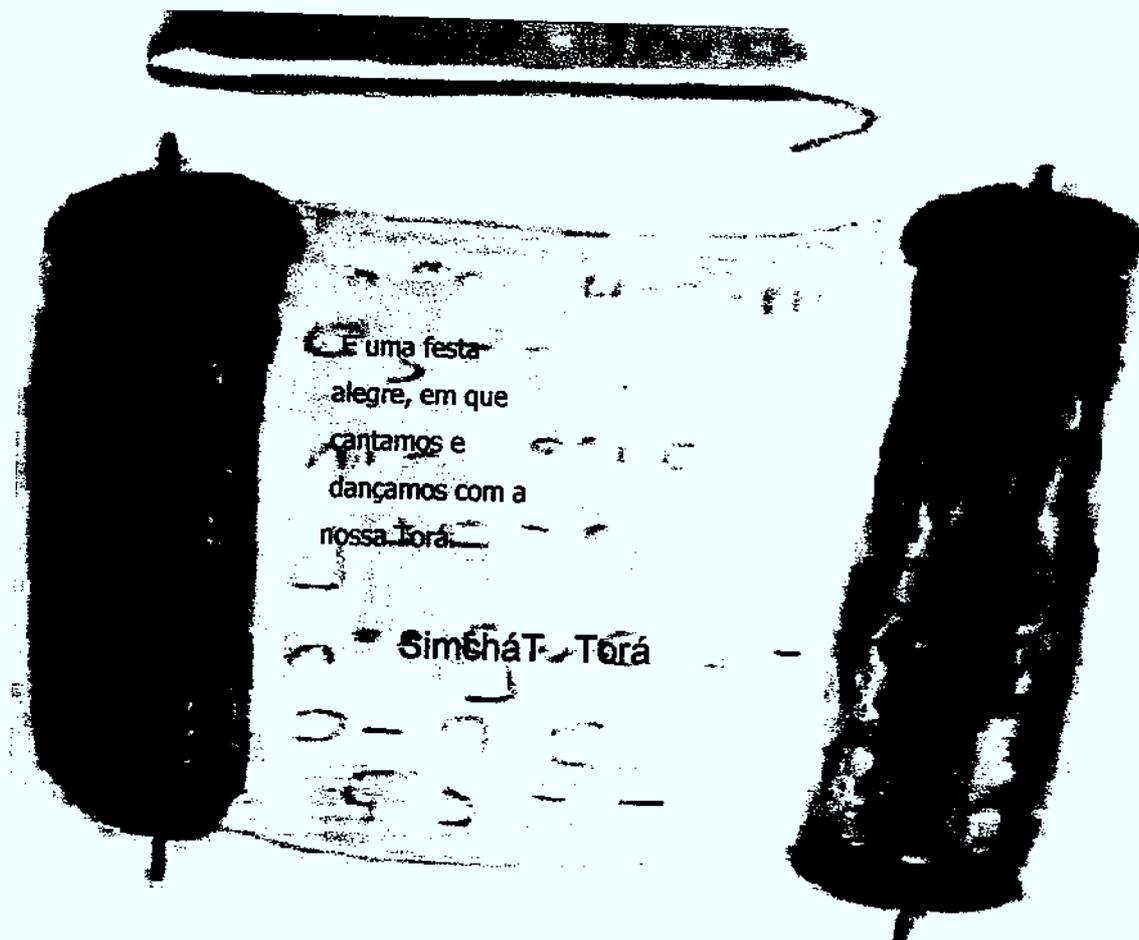
"Eles recriaram o passado em cada geração sucessiva. Uma criança judia, em *Pêssach*, saboreia o pão ázimo e as ervas amargas da escravidão egípcia. Em *Sucot* ela se reúne aos seus ancestrais em seus tabernáculos enquanto eles viajam precariamente através do deserto. Em *Tisha be'Av* ela se senta com o autor de Lamentações e pranteia a destruição do Templo. Da maneira mais vívida, os judeus transmitiram suas memórias aos seus filhos."

"...porém há uma maneira judaica de lembrar. Para cada tragédia há uma promessa de redenção. Todo pesadelo é sucedido pela esperança. Nunca fomos paralisados pelo nosso passado, porque vivemos de olho no futuro. Eis por que a reação judaica à catástrofe foi ter filhos, construir escolas e criar um futuro judaico.

O professor Daniel Elazar, em sua pesquisa enciclopédica do mundo judaico, *People and Politics*, chega a esta conclusão:

"A história dos judeus tem sido uma história de comunidades construídas ao redor de escolas. Elas são a chave, porque transmitem o saber. A civilização grega sobreviveu por quinhentos anos depois da conquista romana das cidades-estado gregas, porque os gregos, como os judeus, tinham desenvolvido academias e puderam viver ao redor dessas academias. Quando as academias terminaram, a civilização grega desapareceu."

Como vimos, a *Beit Sefer Shelanu* se propõe a desenvolver um trabalho com a comunidade judaica campineira, reconstruindo sua história e a transmitindo às novas gerações.



O trabalho continua. A princípio, parece ser uma boa experiência educacional não-formal de reconstrução histórica-cultural de um povo e que pode servir de exemplo a outros povos.

Considerações finais

Uma das características mais marcantes observadas na experiência de educação não-formal aqui analisada é a intensa participação de pessoas da comunidade judaica nos processos educacionais: pais, avós e, agora, o rabino estão freqüentemente presentes nas atividades de final de dia, quando os trabalhos desenvolvidos são socializados entre grupos mais amplos.

A coordenadora dessa experiência educacional também se preocupa em levar, em datas especiais, o resultado do trabalho para o saguão da sinagoga, partilhando assim a construção desse saber pelas crianças com os adultos que não possuem filhos inseridos no programa. Ela também envia, com freqüência, *emails*, comunicados convidando os membros da comunidade a interagirem com as crianças nas suas atividades de reconstrução das tradições judaicas.

Há, portanto, um duplo objetivo da escola nessa forma de educar:

- sensibilizar os adultos pela atuação das crianças, relembrando tradições já conhecidas anteriormente e também ensinando, por meio das atividades desenvolvidas pelas crianças, aspectos da cultura e da tradição ainda não dominados por eles;
- valer-se de mães, pais, avós como elementos reforçadores dos conceitos aprendidos pelas crianças, uma vez que, em casa e em outras situações informais, tais conceitos são relembrados e reafirmados pela família.

As atividades realizadas, os conceitos ensinados são comentados em família, nas situações de culto no lar e na sinagoga.

Quanto aos educadores envolvidos na experiência não-formal, é importante salientar que todos pertencem à comunidade israelita (alguns à campineira, outros à paulistana) e todos têm formação especializada para realizar a tarefa que lhes cabe, além de muitos deles já terem realizado estágios em Israel, estudando e morando na Terra Santa. Esse rico intercâmbio sociocultural lhes permite falar com competência e exemplificar através de fatos concretos o conteúdo que querem transmitir aos educandos.

A esses conteúdos específicos — que devem ser transmitidos numa relação de aprendizado muito semelhante à da escola formal — soma-se uma constante preocupação em transformar a atividade educacional em uma experiência sedutora, envolvente, lúdica e marcante, tanto para as crianças quanto para os pais ali presentes. Portanto, aprender nesse espaço é um ato de prazer, uma das marcas fundamentais da educação não-formal.

Os objetivos maiores dessa proposta educacional são a inserção consciente do jovem na sua comunidade étnica e religiosa, assim como a criação de um espaço de convívio natural entre os jovens de ambos os sexos e suas famílias que facilite e até promova a integração à fé judaica e às uniões matrimoniais futuras de caráter endogâmico.

Não sendo uma comunidade de caráter ortodoxo, a participação de cônjuges não-judeus é freqüente e bem recebida, mas a valorização da manutenção da fé e da tradição ainda se coloca como objetivo supremo, orientando a proposta pedagógica e permitindo a acolhida dos não-judeus que a ela queiram se integrar, o que comprova o espírito aberto que deve estar presente em atividades de educação não-formal.

Podemos afirmar, portanto, que, nessa experiência analisada, há traços que a aproximam da maneira mais formal de educar, enquanto outros indicam caminhos não-formais de construção de um conhecimento em grupo que torne possível elaborar sua identidade étnico-religiosa com bom embasamento e muita segurança. Por isso podemos avaliar tal experiência como não-formal de caráter reformador.

Referências

- AFONSO, A. J. "Sociologia da educação não escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?" In: A.J. ESTEVES, **A sociologia na escola - Professores, educação e desenvolvimento**, Biblioteca das Ciências do Homem. Porto: Afrontamento, 1989, pp81-96.
- ANDERSON, Benedict. (1989), **Nação e Consciência Nacional**. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo, Ática.
- ARROYO, Miguel G. : "O significado da infância" In: **Criança**, nº 28, 1995. São Paulo
- BASTOS, Marcus A. A. "Presença Judaica em Campinas no Século XIX (1870-1890): uma primeira abordagem". **Boletim do Centro de Memória Unicamp**, Campinas, v. 6, no. 12, p. 35-50 jul./dez 1994.
- BLAY, Eva Alterman. "Inquisição, inquisições; aspectos da participação dos judeus na vida sócio-política brasileira nos anos 30". **Tempo Social; Rev. Sociol. USP**, S. Paulo, 1(1): 105-130, 1. Sem. 1989.
- DEMARTINI, Z de B. F. "Imigrantes japoneses em São Paulo: Três gerações" In **Revista Travessia**, São Paulo, v. 12, n. 35, p. 10-16, out. 1999.
- FREIDENSON, Marília, org. **Passagem para a América: Relatos da imigração judaica em São Paulo / Marília Freidenson, org e Gaby Becker, org.** São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- GADOTTI, M. **Para chegar lá juntos e em tempo: Caminhos e significados da educação popular em diferentes contextos [online]** Disponível na internet via WWW URL: http://www.educacaoonline.pro.br/para_chegar_la_juntos.asp
- GOHN, Maria da Glória. "Educação não-formal" In: **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.
- GRUMAN, Marcelo A Sinagoga Ortodoxa - "Novo espaço de sociabilidade para jovens judeus não-religiosos". In **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 16, nº 2, p. 43-62, jul/dez 2003.

- LARAIA, Roque de Barros. (1992), **Cultura. Um Conceito Antropológico**. 6ª. ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- MOREIRA, Roberto "A Educação e os desafios da identidade brasileira", in **Cadernos da Católica**, 1997.
- von SIMSON, Olga R. M. . "Diversidade sócio-cultural, reconstituição da tradição e globalização: os teuto-brasileiros de Friburgo/Campinas." In **Família em São Paulo : Vivências na diferença**, São Paulo: CERU/HUMANITAS, 1997 (Coleção Textos. Série 2, nº 7) pp. 63-76.
- _____ "Introdução" In: **Educação não formal: cenários da criação**. Campinas, SP: Editora da Unicamp/Centro de Memória, 2001.
- VALADARES, Paulo. "Judeus em Campinas: retrato de 'outros' estatísticos" in **Revista Saráo**, vol 02, nº 10, julh 2004.
- VERZIGNASSE, Rogério. "Atuação decisiva de comerciante na cidade é tema de estudo judaico", in **Baú de Histórias – Jornal Correio Popular**, 22/02/2004, Campinas, SP.
- <http://cip1.locaweb.com.br> (site da Congregação Israelita Paulista)
- www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/segreto
- www.eifo.com.br
- <http://milpovos.prefeitura.sp.gov.br/>
- www.morashá.com.br - cultura

Anexos

Entrevistas

As informações que trago nas entrevistas com a coordenadora foram fruto de um primeiro encontro que tive com ela, quando do conhecimento do espaço e solicitação de um estágio, e dos encontros e das conversas nos dias das minhas observações.

Já as informações coletadas com as educadoras foram obtidas no transcorrer das atividades. Nenhuma dessas entrevistas foi gravada, em razão das situações em que ocorreram.

As entrevistas com mães e com alguns alunos foram gravadas e transcritas. Elas foram feitas no início do meu estágio, por isso algumas das informações eu desconhecia.

Como já disse no capítulo **Descrição das atividades educacionais observadas na Beit Sefer Shelanu**, os entrevistados — professoras, alunos, mães e outros envolvidos no trabalho — têm seus nomes registrados somente com as iniciais ou são citados pelo cargo que ocupam.

Passo, a seguir à apresentação das entrevistas, que foram assim organizadas:

• Entrevistas com professores

Nome:

Formação educacional:

Profissão: (se mudou a “trajetória” de vida)

- Como conheceu este espaço?
- Por que trabalhar neste espaço?
- Que contribuições deu, recebeu em termos culturais?
- Recebe apoio? De quem?
- Se há, como enfrenta a heterogeneidade cultural, social?
- Quais as dificuldades?
- Quais estratégias de relacionamento elaborou para trabalhar com os alunos?

- Quais as maiores dificuldades que os educandos enfrentam?
- É incentivada a colaboração ou competição entre os educandos? Como?
- Outras observações

- **Entrevistas com pais**

Nome:

Formação educacional:

Profissão: (se mudou a "trajetória" de vida)

- Como conheceu este espaço?
- Como a iniciativa deste espaço correspondeu à expectativa da família?
- Outras observações

- **Entrevistas com alunos – de sete a dez anos**

Nome:

Formação educacional:

Profissão: (dos pais)

- Por que escolheu freqüentar este espaço?
- Quais expectativas tem em relação ao espaço? (Por que freqüenta, se é por causa dos pais)
- Como sente as atividades desenvolvidas?
- Já freqüentou outro espaço como este?
- Há quanto tempo freqüenta?
- O que já aprendeu?
- O que gostaria de aprender?
- Como avalia a atuação dos professores (receptividade, paciência, dedicação)
- Como é a relação entre os colegas da "classe"?
- Como é a troca entre os grupos?
- Outras observações

1. Entrevistas com profissionais

Entrevista 1

Nome: A. (coordenadora)

Formação educacional: Pedagogia e psicopedagogia

Profissão: Pedagoga, educadora e psicopedagoga

Trabalhou como professora em Educação Infantil. Participou de um Projeto de Educação Não-Formal. Fez especialização em Educação Não-Formal na Universidade de Jerusalém e de Psicologia e Psiquiatria na Unicamp.

Hoje atua como coordenadora do espaço BEIT SEFER SHELANU e também atende crianças e adolescentes em clínica de psicopedagogia.

Por que e como foi a criação deste espaço?

A. esteve sempre ligada à Educação e suas práticas, vamos dizer, mais alternativas. Trabalhou na Escola do Sítio, morou em Israel, onde desenvolveu trabalhos nos *kibuts*, participou do Projeto Sol, em Paulínia. Vinda de um convívio com a colônia judaica em São Paulo, apesar de ter pedido aos pais, ainda criança, para não mais estudar em escola judaica (estudou até a antiga 4.^a série e depois no Colégio "Rio Branco", em São Paulo), manteve o contato com seus pares. Como ela me diz, aonde quer que iam acabavam sempre se encontrando. Foi o que ocorreu quando fez faculdade. Na sua classe, a maioria era composta por judeus. Não teve uma formação religiosa rígida, mas valorizou os aspectos culturais. Tinha intenção de que seus filhos conhecessem e convivessem com pessoas da sua cultura também.

Através de contatos seus, conseguiu viabilizar a proposta feita junto à comunidade em Campinas.

No início foi trabalhoso, complicado, porque nem sempre conseguiam professores à altura do que se esperava, tanto em termos de entendimento da proposta, como na disponibilidade de tempo. Um dos fatores que também ajudou a conseguir bons profissionais foi a boa remuneração dada a todos.

Conta que, quando quer “algo mais”, em termos de verba, ou para reformar o espaço, ou para um estudo do meio, sempre consegue com a comunidade, inclusive em São Paulo.

Faz questão de dizer, como todos, que não é ortodoxa.

Não gosta muito da denominação do espaço como Educação Não-Formal, pois faz um trabalho com as crianças e pais sobre a importância que tem a proposta e de como a não-presença (não-comparecimento, por exemplo) pode inviabilizar a continuidade, tanto para a criança, individualmente, como para o grupo.

Conta-me muitas coisas, muitos detalhes de como a idéia amadureceu e se tornou realidade. Vibra, percebe-se a emoção e o cuidado que tem com “sua cria”, este espaço. É muito séria no que faz.

Quem mantém o espaço, a escola?

Muitas das informações vou conseguindo ao longo do contato com eles. Já percebi que não posso perguntar diretamente. E que, às vezes, uma informação contradiz a outra... ou é um tanto vaga, inicialmente, mas depois se completa. Foi assim para saber quem mantém este espaço. Pelo que pude perceber até então, são pessoas da comunidade, tanto de Campinas, como de São Paulo, que mantêm a Sinagoga e a escola. A. também tem seus contatos particulares — que não deixam de estar ligados à comunidade — e, através deles, recebe verbas extras.

Embora, às vezes, as falas, as entrevistas parecem estar incompletas, na verdade, expõem tudo o que eu consegui que as conversas me revelassem, tanto no que se refere a dados pessoais, como a opiniões.

Entrevista 2

Nome: T. (*morá*)

Formação educacional: Artes Cênicas

Profissão: artista e educadora

Como conheceu este espaço?

Quando veio para Campinas estudar, sua mãe contatou conhecidos da comunidade, para acolhê-la aqui. Fez Teatro na Unicamp, é de São Paulo.

Conheceu M. (um dos membros da comunidade e também idealizador do espaço) por causa da comunidade. Fez alguns trabalhos esporádicos no espaço, em algumas festas, com representação. Está no espaço há três anos, quando da sua reformulação.

Gosta do trabalho, tanto em termos profissionais — o tipo de trabalho desenvolvido, os recursos pedagógicos utilizados — como também porque se identifica com a proposta, com a reconstrução da história do seu povo. Não nega que há uma questão religiosa envolvida no trabalho, que não há como desvincular.

Pertence ao grupo do Santo em Campinas, como atriz e é cantora de música *Klezmer* (folclórica judaica), *Ot Azoi*.

Entrevista 3

Nome: M. (*morá*)

Formação educacional: Artes

Profissão: professora

É arte educadora e professora de hebraico para crianças do infantil.

Trabalha numa escola regular, formal, judaica, em São Paulo. Trabalha com artes plásticas e a língua judaica, com crianças de três a seis anos, mas o forte do seu trabalho na escola de São Paulo é com a língua, o hebraico. Em Campinas o foco do seu trabalho é na área de Artes Plásticas, mas está sempre presente a língua hebraica, quando ensina cantigas às crianças, comenta dos nomes dos objetos, festas. Ela parece gostar muito do que faz.

Como conheceu este espaço?

Está há seis anos no espaço. Conheceu o M. num seminário em São Paulo. Mandou o currículo e foi contratada.

Gosta de trabalhar no espaço, identifica-se com a proposta, com as questões religiosas também. Comenta das reuniões que faz na sua casa, em família, das comemorações.

Entrevista 4

Nome: R. (*morá*)

Foi a educadora com quem menos conversei. As informações que trago foi a coordenadora quem me forneceu.

É professora de hebraico do Ensino Fundamental numa escola formal em São Paulo.

Na *Beit Sefer Shelanu* trabalha com os maiores. É a educadora responsável pela transmissão da parte histórica e pelo trabalho com a língua.

Trabalha também em um projeto, como o de Campinas, de educação não-formal, em São Paulo.

Todas as entrevistadas se dizem não-ortodoxas, mas percebo que todas têm uma prática religiosa presente em suas vidas.

Freqüentam o clube "A Hebraica", freqüentaram escolas hebraicas, realizam os rituais, as comemorações. Mantêm suas culturas. Bonito de se ver.

M. foi a mais próxima, com quem mais se pode saber das coisas, parece mais "didática" comigo.

2. Entrevistas com pais

Entrevista 1 - (transcrita)

Nome: R., mãe do R.

Formação educacional e profissão: professora de dança.

Fiz T. O. (Terapia Ocupacional) na faculdade, mas eu já dava aula de ballet quando eu já tava na faculdade, então nem nunca parei... dava aula de ballet, fazia faculdade, na minha época era integral, agora não é mais, né.... trabalhei um pouco na Unicamp, na psiquiatria, depois.... não deu para fazer tudo... não deu mais...

Era o que você mais gostava ou foi por causa de tempo, essas coisas?

Eu acho que.... eu já tava... né... desde os quatro anos que eu faço ballet... então assim, eu já tava.. não sei... gosto.... e a T.O. é duro, né, você ser discriminada... agora acho que melhorou bastante, mas...

E você, R. sabia desse espaço como? Como que você resolveu colocar o R. ?

Porque eu freqüentava e freqüento a sinagoga e ele já fazia e a mãe dele falava para mim para colocar o R., colocar o R. daí... comecei trazendo.... gostou.... eu gostei também...

E você tinha alguma expectativa especial? O que você conhecia do trabalho que você queria... ? Ah... eu quero por causa disso... e tal...

Não, eu não conhecia... quase que nada e não criei nenhuma expectativa... e deixei ele também a vontade... sem forçar... não queria que fosse uma coisa forçada... queria que fosse uma coisa que ele viesse por prazer... e espero que continue assim... senão... na hora que começar a forçar... eu acho que vai vir...

E você tinha notícia do espaço como um espaço que trabalhava o quê?

Trabalhava com as crianças a história... a história do povo... através de... uma coisa bem lúdica...

E você gostou dessa idéia dessa proposta de reconstrução dessa história?

Gostei.

E na sinagoga, tem alguma atividade para as crianças ou não? Só este espaço?

Não, tem... de sábado também tem o "Laor" ... Vai ter um "acampadentro" ... pras crianças... não... ele não quer...

Ele já freqüentava esses espaços?

Não, de acampamento, essas coisas?... Não...

E dessa outra atividade que você falou?

De sábado? Não... Assim... isso eu até coloquei que... sábado e domingo é único dia que... tá a família toda... se ainda a gente sai pra... aí a gente não vai se encontrar nunca... todo mundo junto...

E vocês vêm para cá de sexta-feira?

De sexta-feira? Ah... é difícil... eu venho, fico com o R. ...(inaudível)... fico um pouquinho e vou embora...

Não vem todo mundo da sua família ?

Não.

E seu marido também é judeu?

Não. Ele se converteu!

E os seus pais?... Você foi educada... na religião... judaica?... E ele se converteu para casar?

São...na religião judaica... porque quis também...

E você morava aqui em Campinas? Você tinha essa freqüência.... de vir à sinagoga?

Hã... hã... nasci aqui... tinha... na minha época não tinha tanta coisa... então o curso de *bat mitzva* eu fiz em São Paulo, na CIP (?)... aqui não tinha... na época.

E essa sinagoga é ligada a algum grupo de São Paulo? Porque tem um grupo mais conservador e um grupo mais... (liberal)? É isso?... Não sei direito...

É... é... a CIP não é tão conservadora... assim... mas eles têm mais ainda liberais... vamos dizer assim... e têm os super... é... tradicionais... não pode encostar em mulher, não pode isso, não pode aquilo... não pode...

Nem você foi educada...?

Ah, não!

E o Henry ... Sobel, é ligado a esse grupo...?

Sobel... é, da CIP.

Você contou que casou com uma pessoa que não era... judia.

Judeu.

Você teve algum... problema... em relação a isso?

Não.

Foi aceito?... Quer dizer, seus pais já são de... uma geração... que é, os dois são judeus...

É, os dois são judeus.

Não, mas... eu acho que assim, que nem, meu tio, irmão do meu pai casou com minha tia que se converteu... então já tá... o pai dele também, que são primos é convertido, não é, também converteu, então assim, minha família já tinha... (situações... semelhantes) é... não tive problema...

As entrevistas 2 e 3 fiz conjuntamente, as mães estavam juntas na secretaria da sinagoga... a primeira, mais falante, e foi através dela que conheci um pouco mais dos grupos de crianças e jovens vinculados à sinagoga, quantos têm, como funcionam... e também da sociedade em questão. Nem sempre pude seguir o roteiro, tinha que perceber quais "caminhos estavam abertos", se poderia ou não entrar em determinados assuntos.

Entrevista 2 - (transcrita)

Nome: A.

Profissão: É secretária da Sinagoga.

Vocês duas têm filhos aqui na escola. Então conta para mim, que idade eles têm...

Meu filho chama Nathan, 'Natã', como vocês chamam, tem dez anos, hoje ele não veio... ele vem aqui de sexta-feira... agora com o grupo juvenil ele não quer vir, esse ano... o ano passado ele não queria vir na escolinha, agora esse ano ele resolveu que no grupo juvenil ele não quer...

Ele está no 'intermediário', nem um grupo, nem o outro...

Agora ele resolveu que não quer vir... aí eu não forço, né? Porque senão complica muito... o ano passado foi bastante 'barra'... aí eu falo para ele que é meu período de oportunidade das coisas daqui, né..., mas ele não ta nem aí... não ta nem aí... ele é muito 'rueiro'... (toca o telefone do rabino...)

Ele gostava de freqüentar aqui? Quanto tempo ele freqüentou?

Ah... bastante tempo, ele já foi nos acampamentos... já faz quanto tempo mais ou menos que a gente tá aqui? Acho que uns...

A A. (coordenadora) me contou que tem seis anos....esse é o sexto ano...

Não, não, não não... não tanto tempo assim, não, eu to aqui há... acho que... quatro anos... faz uns três anos que eles freqüentam aqui, ... acho...

Você tem outro filho aqui?

Tenho, minha filha mais velha... ela fazia parte, mas agora fechou o grupo (do G. ?)... do G. ... não! Da filha dela, da T. ... ela fazia parte do grupo da T., agora já não faz mais, né? Porque fechou... não tem aula pra elas... então...

Como que você ficou sabendo desse espaço?... Você é judia?

Ah, eu vinha aqui... por causa das crianças... o negócio é o seguinte... eu morei há...

Você é judia?... O marido também?

Sou. Nem o meu, meu ex, não era, mas meus filhos são 'de sentimento', porque eu nunca falei nada sobre isso, nunca freqüentei muita coisa... mas eles são porque eles são...

Os seus filhos... mas você freqüentava... assim...?

Não... freqüentei na minha juventude, mas aí...

Seus pais? Pai e mãe eram ?

Ssss... os dois, os dois... então... como é que aconteceu da gente vir para cá...

Não era uma coisa assim, obrigada... não... ?

Não, não, minha mãe faleceu quando eu tinha oito anos... então, depois daquilo lá... morei em Israel quatro anos e meio, entendeu? Mas nunca freqüentei... freqüentei na minha juventude, freqüentei a Hebraica em São Paulo, freqüentei a sinagoga, tinha uns amigos que eram judeus, tudo, mas daí me afastei, me afastei bem afastada mesmo! E nunca mais... mesmo aqui, uma vez quando... há doze anos atrás mais ou menos eu morei aqui em Campinas, eu vim até aqui, aí desisti de vir, não quis mais vir, né... e... pra... pra ter voltado pra cá porque o meu mais velho tava estudando no Liceu, e conhecia uma menina, que freqüentava aqui... do grupo juvenil, do G., né? E... e ela falou 'olha, você não quer vir no grupo juvenil, do Laor, não sei o que...' aí... 'ó, eu vou!' ... eu falei 'ele vai? Mas não vai nem a pau, se eu conheço bem o W. não vem!'... aí ela ligou lá em casa, 'olha, vai ter encontro, por que que o W. não vem, não sei o que'... ó...perguntei, 'você quer ir?' ele falou 'venh, vou'... eu não acredito... aí ele veio, começou a freqüentar, daí vieram os outros dois atrás, e aí ficou... agora ele saiu

porque ele foi trabalhar e tudo... aí não veio mais... o mais velho... aí ficou a L. e ficou o N.ficaram os dois...

O que você falou, Laor, o que é? É uma sigla ?

Laor é um grupo juvenil....de ... de quantos anos?... Acho que é um nome....não sei ('em torno de... de dez para cima, dezesseis anos').

Aí depois tem o grupo universitário também aqui ... que já é pessoal universitário ('eles vêm de sábado, né?').... vêm, vêm de sexta, vêm de sábado, eles se reúnem, eles fazem programação entre eles, tem o grupo... tem a escolinha....

Eles se reúnem para fazer programação entre eles ou tem uma ligação também com a religião?

Tem, tem, tem ... todos eles têm. Todos grupos têm ... todos eles, só que são divididos, então eles dividiram, a escolinha dos pequeninhos, aí depois tem o grupo juvenil que é o Laor e... e tem o grupo universitário. Então eles colaboram com a sinagoga, eles vêm, eles participam, fazem segurança...

Colaboram como?

Ah, eles participam de tudo, né ... e agora também, de uns tempos pra cá eles tão ajudando fazer a segurança da sinagoga, que é interessante ... então tem todo m... sabe... um contexto das coisas aqui dentro... , né?

Forma uma comunidade?

Forma, forma.

E como se mantêm esses profissionais, por exemplo... é um grupo que mantêm... a própria sinagoga...?

Ah, certeza, mantêm, é um grupo que mantêm...

Daí a sinagoga, como outras instituições, tem contribuições... ?

Igualzinho... acho que igual a todas elas, tem que ter seu grupo que ajuda...

Faz a parte administrativa...

Tem, tem diretoria, tem presidência, tem tudo... normal...

Como funciona a estrutura da igreja, da sinagoga?

Como funciona? Em que termos que você quer saber? Em que sentido?

Tem o rabino... e tem... ?

É, agora... a partir de hoje a gente tem um rabino. A gente não tinha. Então eles contrataram um rabino, que fazia falta, pro pessoal que vinha de fora, assim, tipo para fazer conversão essas coisas... tinha que ir para São Paulo... pra fazer toda essa... essa parte da burocracia, tinha que ir então... o pessoal sempre achou que tava faltando alguém que pudesse fazer toda essa...

E quem que fazia antes, não tinha rabino... quem que coordenava os eventos aqui?

Ninguém. Ah não, a diretoria que faz isso, a diretoria que faz. A diretoria program, quer dizer, tem a programação de festas, que é uma coisa normal, né? Anual... então cada festa... e eles se programam, fazem as coisas porque já tão acostumados... então é... eles... chamam ou mandam carta... qualquer evento que tem manda, a gente liga...

Então eles é que cumprem com o cerimonial?

Ah é, certeza, agora com a parte do... eles têm, eles fazem porque ... com o rabino vai ser mais fácil, porque ele que vai programar tudo, ele que vai reger tudo... entendeu? Coisa que não tinha, tem um cantor... a gente tem um cantor aqui que faz... toda sexta-feira ele canta... as rezas e tudo... o pessoal tá acostumado... ele que faz o cerimonial de sexta-feira e agora com o rabino vai ser... acho que é uma parte...

E a diretoria como é? É eleita pela comunidade?

Tem, tem eleição. Eles têm eleição... eu não sei como é porque eu entrei faz pouco tempo, então realmente eu não sei... mas tem um conselho, né,... que a comunidade também acho que... que deve votar, não sei como é que funciona, mas deve ser isso aí, mais ou menos isso...

E aqui em Campinas só tem essa sinagoga?

Só, não tem mais nada. Na região inteirinha do interior é só ele e é a maior. Não tem nada... é São Paulo e Campinas... Não tem nada na região... então o pessoal do interior vem pra cá.

E aquela cerimônia que tem com os jovens aos treze anos... eles fazem tudo em São Paulo ou agora vai...?

Agora vai ter aqui, quem precisar vai fazer aqui. Mas ele acabou de chegar dos EUA, então vai fazer curso, vai aprender a falar português... porque ele não fala uma palavra... então ele vai ter esse tempo para fazer esse grupo, é... esse estudo, né, pra fazer direitinho... então hoje é o primeiro dia dele já aqui, efetivamente.

E a diretoria que contatou ele? Vem de São Paulo...

Ah, eu nem sei bem como é isso... alguém deve ter indicado, acredito eu, alguém devia conhecer, deve ter indicado pra alguém... aí eles...

Estava conversando com a T. e com a M., e elas me disseram assim, que tem os judeus ortodoxos...

Tem. Aqui não tem, graças a Deus.

E tem o outro... que é ligado ao Henry Sobel... é isso?

É... nós não somos... não somos radicais, não somos liberais... eu não sei como é que chama.

Por que? O Henry Sobel é mais liberal, é isso?

Será que é liberal?... Olha, eu não sei te explicar isso aí.

Tem um grupo assim... eu sou mais... ?

Eu acho que é... eu acho que é... eu não entendo disso aí... Só sei que nós não somos ortodoxos.

Ortodoxo ela estava me explicando... que é aquele que segue tudo muito rigoroso.

Certíssimo! Isso aqui não ia ser nem... a gente... ela não ia poder estar desse jeito... nem morta ! De repente até de blusa com manga... não ia entrar na sinagoga... de jeito nenhum!

Por quê? Só entra...

Só entra deles... tem que ter respeito, eles querem respeito, bom... eles seguem muito... à risca, né, o que diz...

Mas só entra homem?

Não, mulher e homem, entra, mas tem as regras deles... eles são bem mais... Onde tem muito é em São Paulo... tem até as características físicas... você conhece de longe... porque a gente se divide, eles dividem em judeus europeus e judeus árabes... em São Paulo eles têm, sim, sinagoga separada...

(Tocou o telefone, a conversa se voltou para a outra mãe, num outro rumo, pois é mais "tímida". E quando A. voltou, estávamos num outro assunto)

E seus filhos, que eram maiores, eles já tinham freqüentado algum lugar como esse?

Não, em São Paulo, não, mas a gente foi morar no México e os dois, meus dois meninos freqüentaram a escola israelita mexicana.

Mas era uma escola normal?

Escola normal, acho que (...), eles ensinavam espanhol, hebraico e idishe. Idishe é aquela língua morta, né? No México tem a mesma coisa.

Entrevista 3 (transcrita)

Nome: M., mãe do Y., 4 anos

Como você ficou sabendo desse espaço? Você é judia?

Também (sou).

... O marido também? Ele se converteu?

Não, meu marido, não. Meu marido é católico.

Não (se converteu), mas ele aceita, tanto é que ele até pediu pra... pro filho ser... batizado na minha religião... ele não tem preconceito nenhum... e ele falou agora que... ele é judeu então eu quero que ele... freqüente a sinagoga, saiba da religião dele... então... e eu também exijo... não que eu exigi... como... na minha adolescência... era muita mudança de cidade, eu nunca tive oportunidade de freqüentar mesmo...

Você sente falta?

É, aí eu coloquei ele, pra ele também me passar... (ri...), por ele ter quatro anos... então... algumas coisa ele já sabe e fala pra mim... que eu não sei ... e é interessante isso, eu gosto também, ele gosta de vir também.

E você ficou sabendo desse grupo como ?

A gente veio um dia no *Shabat*,... aí eu vi a turminha e perguntei, aí a gente descobriu , resolveu trazer ele na escolinha, a partir daí a gente começou a freqüentar... já faz mais de dois anos...

Quando perguntei a outra mãe, "E aqui em Campinas, só tem essa sinagoga?", M. comentou:

Eu lembro quando a gente morava em Amparo, minha mãe até procurou, mas ficou sabendo só daqui... e por isso que eu não... não cheguei a freqüentar ...

E seu filho gosta daqui?

Gosta, o Y. gosta.

E você tinha expectativa dessa passagem,... desse aspecto da religião, que ele seguisse... que ele conhecesse a história?

É, porque eu acho interessante, né, cê vê... eu... eu não passei por isso, né, minha mãe... muita coisa ela me ensinou, mas assim... de ver... freqüentar... não. Então eu quero passar isso pra ele, pra ele saber... da onde... da origem, o que aconteceu com a gente... sabe... pra ele dar valor pra religião dele, né? Pra ele gostar.

Entrevista 4 – (transcrita)

Nome: D., mãe da S., 8 anos

Formação educacional: superior

Profissão: advogada

Essa profissão você mudou, continua advogada, exerce?

Exerço, mas exerço parcial, né, porque fico muito em função da S.,... então... eu fico meio que em casa e trabalhando, não to mais com o escritório.

Era sua primeira opção de profissão?

Era...

Você só tem a S.? Ela tem quantos anos

Só. A S. Oito anos.

Como conheceu este espaço?

Ah, eu sou associada lá da... da sinagoga. E eu já ouvia falar.

Você é judia? Seu marido também?

Sou. Também. Eu ouvia, não participava, a S. não participava porque ela estudava de tarde e o horário dela não combinava, mas quando ela resolveu estudar de manhã, achei que foi uma boa oportunidade para ela...

Você freqüentava a sinagoga antes de ter a S.?

Freqüentava. Mas assim... eu vou mais assim em festa... quando tem alguma outra coisa... não sou ortodoxa.

Desde pequena?

Quando era criança também.

Quando você soube dessa iniciativa que eles tiveram, de fazer este espaço como que você... ?

Eu achei legal. Achei legal porque... assim... aqui a comunidade judaica aqui de Campinas é muito pequena, né? E assim... as crianças não têm muita oportunidade de... de convivência... e eles se acham único, né? Chegam na classe não tem ninguém que é judeu, então... as experiências às vezes são diferentes... no fim eles querem partic... o que acontecia comigo quando era criança, eles querem é... participar das experiências dos outros... Natal... é... Páscoa... tudo o que os outros têm e... que eles não se identificam com ninguém.

E levavam isso pra casa?

Não... eu passei por isso, então eu senti que a S. ... isso aí é uma maneira da S. poder sentir que ela não era a única judia na classe... justamente tinham muitas crianças da escola, né? Então... foi legal porque ela viu que na escola mesmo tem bastante crianças judias, né? Então é uma maneira dela ter a identidade e vê que ela não é a única, vê que lá naquele espaço ela convive com várias crianças judias, que ela não é sozinha e que todos eles têm as mesmas experiências dela, então... por isso... essa é mais o meu foco, mais do que aprender. Certo que ela tá aprendendo muito sobre tradição, tá aprendendo muito, tá aprendendo música, tudo isso... até ta aprendendo um pouco do idioma, né? Mas o meu foco maior... é pra ela não se sentir sozinha. Esse era o meu foco ... que ela tenha amizade, porque isso daí conta, né? As festas judaicas são muito bonitas, então todas as crianças já vivenciaram as festas judaicas. Então... quando elas forem fazer festas, por exemplo, ela vai fazer o *bat-mitzvá*, né? Então... as festas é diferente, o jeito... as danças, as músicas, são muito alegres e... Só que é da comunidade que... que entende direito, né?... Então... eu queria que ela tivesse essa oportunidade, dela ter essas amigas, esses amigos e o dia que ela tiver a festa dela, poder ser uma festa assim... do jeito que... que ela curta, do mesmo jeito que eles.

E em relação ao espaço. Você acha que corresponde às suas expectativas, do que você tinha em relação àquela escola? Além desse aspecto da convivência, porque pela convivência você acha que sim, né? Que lá ela tá encontrando pessoas...

... Eu acho que o espaço poderia ser melhor, mas ela tá muito bem adaptada... é que lá o pessoal não tem dinheiro...

Em termos de estrutura física, mas em termos de proposta?

Eu gosto! Eu acho que assim... bem lúdico, né? Bem tranquilo... não é nada forçado, é tudo brincando. A S. jamais falou "não quero ir". Só se ela tiver uma festa de aniversário, daí ela não vai, prefere ir na festa. Mas senão ela vai numa boa, ela gosta do espaço, de lá, ela gosta das coisas que ela faz lá...

E quanto tempo faz que ela está lá?

Esse aqui é o segundo ano.

E em relação aos professores, você acha que eles correspondem ao que você tinha de expectativa ?

... Eu não tenho muita convivência com eles...

Mas o que você vê do trabalho?

... Eu acho assim, que eles poderiam... é... não sei se é porque é muita criança, tem muita criança que eu já vejo, eu noto que é hiperativa, tem muita é... diferença de idade. Agora que eles tão com o grupo das crianças mais pequenininhas... mas antes eram tudo junto... né? Então, quer dizer, você tem que dar atenções diferentes pra cada etapa, pra cada... (faixa etária). Então acho que nessa época eles perderam um pouco de tempo, né? Direcionando... eram interesses diferentes e todo mundo junto, então acho que, pros que são maiores, que entendem melhor, fica desinteressante a maneira que eles expõem, né, o que eles têm pra expor, quando eles expõem como se fosse pras crianças pequenas, né ... agora eles estão separando, tudo, então acho que fica melhor.

Se eles estruturarem do jeito que é proposto... dois grupos de maiores e um grupo de menor?

Isso... Agora eu acho que tá legal, mas antes não era, até o primeiro semestre tava... porque tinha pouca criança... então eles estavam juntas, acho que atrapalhou um pouquinho...

Então a S. ...?

Ela não tinha muito interesse, não.

E você, você tem mais irmãos, você sempre conviveu...

Eu tenho um irmão.

Você é de Campinas mesmo?

Somos... Quer dizer, a gente não é daqui, mas a gente veio muito pequeno pra cá. Assim, na nossa época não era... não tinha tanta convivência, tinha muito pouca família, muito poucas famílias, então, os grupos que a gente freqüentava assim, cinco crianças, seis crianças, era muito pequenininho.

Mais familiar, vamos dizer assim, porque os pais promoviam...

É... a gente se reunia na sinagoga, às vezes, tinha até uma escolinha, mas era assim, pequenininho, né. Da idade da R. (a outra mãe, do R.) tinha mais crianças. Então eu lembro que naquela época tinha uma professora pra idade dela e uma professora pra nossa idade. Eu já achava mais interessante a professora da R., eram mais crianças e eu lembrava que era musiquinha, que era tudo... sempre desenhava... Era muito mais interessante o jeito que a outra explicava, era bem lúdico. A minha já era mais...

E era em cima das tradições também?

Era.

E você é mais velha que a R.?

Sou. Então, o lado dela assim... a professora dela eu gostava. Queria ser criança, ser menor, mais nova pra poder participar daquela classe... mas não dava.

E você tem convivência com outros grupos de pessoas...?

Nós ou ela?

Vocês, adultos?

A gente tem assim... tem a família, né, do meu marido, que é uma família grande e a gente tem um casal de amigos de lá que a gente sempre sai, tudo, mas... não é daquela época. Meu marido não é daqui, ele veio de (...), mas assim, faz vinte e poucos anos que ele mora aqui então... as minhas amigadas são diferentes da dele.

Mas não é restrito, você não convive só com judeus?

Só com judeus? Não, não, os únicos judeus que a gente convive assim, de sair, tudo, é esse outro casal.

E o resto...

É só lá que a gente se encontra.

E você frequenta lá toda semana ou também não é...?

Não, não, só festa.

Acho que é isso...

É... a S. assim... eu quero que ela... que ela aprenda da tradição porque a gente... é... no final, eu tô aprendendo bastante, eu tô aprendendo mais do que ela, né. Você tava lá agora nessa...

Eu tinha aula, não fiquei até o final.

O rabino... então, o rabino, ele deu uma explicação sobre a festa de *Sucot* que é muito interessan , eu não sabia, não tive tudo isso, a gente não teve tempo de aprender tudo isso e as pessoas que explicavam não explicavam daquele jeito... é... e ele assim... a S.... eu notei assim, que ela ficou... desinteressada porque ele falava tudo em inglês e tinha que esperar ele terminar de falar pro outro traduzir... isso pra ela foi cansativo... e ela já tava cansada, porque ela acorda seis horas da manhã, né. Chega lá fica em atividade, então pra ela... achei que foi desestimulante, mas eu, por minha vez eu... achei muito legal a explicação, eu não sabia de nada disso, né, então foi muito legal aí eu passei tudo isso pra ela, quer dizer, eu aprendo lá e passo pra ela que ela perdeu, né, mas ela fala que ela ... não gostou do rabino. Agora na quinta-feira vai ter uma festa legal também que ela não quer ir . Eu falei que o rabino vai estar lá, tudo, ela falou "não vou". Ela não gosta do rabino porque ele fala inglês

E o que ele falou da festa de *Sucot* ?

Ele explicou o significado, né... os símbolos, né. Então tem a cabana, né. Que a cabana tem que ter as... as... não pode ser totalmente fechada, que a gente tem que ver as estrelas, né, as três estrelas que aparecem que aí a gente vai saber quando começa o *shabat*, quando termina, no dia seguinte. Na hora que aparecer as três estrelas então começa o *shabat*. É... que mais ele falou ?... Aí ele falou... das plantas. Então tem o... eles usam assim três plantas. Então uma é a folha do palmito, outra era... acho o salgueiro, que eles falaram e a outra não lembro o nome. Um ramo... A folha do palmito significa que... faz uma analogia com o corpo humano. Então, a folha do palmito é que nem se fosse a nossa coluna vertebral, ela se curva nas dificuldades, mas depois ela se levanta, que nem o vento. A folha do salgueiro, eu acho, que tinha o... o formato de olho, né... por que formato de olho, que a gente tem que sempre olhar é... o mundo ao nosso

redor, né. Não é só olhar pra gente, olhar pra tudo o que está acontecendo, né. E a boca, tem a outra que tem formato de boca, que eu não sei o nome também... que... a gente... é... deve falar as coisas, proferir as palavras da *Tora*, né. Os mandamentos, tudo mais, que a gente deve sempre se abster. Falar coisas boas, não falar coisas más e... os ensinamentos da *Tora*. Depois tem a fruta que era a... acho que é (...). Então, que essa fruta tem significado. Você cheira a fruta, ela tem o cheiro maravilhoso, né. (ela é amarga, né?). Ela é inteira. Então, o significado dele é assim: que... quando a fruta tá unida, tá inteira, o cheiro é maravilhoso. Igual assim... se a gente... se tudo estiver bem, se a família tiver feliz, se não tiver nenhum problema... a família, a comunidade, o mundo, tudo... então tudo cheira bem, né. Agora, na hora que você parte a fruta, aí ela cheira... experimente, o gosto é ruim, né. Então é a mesma coisa, se a tua família não estiver bem, se a tua comunidade não estiver bem, se o mundo não estiver bem, é azedo, é amargo. Então essa é a analogia. Achei muito legal!

Achei muito bonito, porque tudo tem um sentido.

Tudo tem uma significação...

Isso atrai bastante as crianças, eu acho... ?

Mas isso é... eu acho que a S. não conseguiu entender com o rabino.

Talvez ela não entenda agora, mas depois ela vai... ?

É, eu tentei explicar, ela viu a fruta, ela viu tudo o que ele mostrava, mas...

É, mas o pouco que ela pegou... o ano que vem ela pega outras coisas...

É, ela entra em contato... o ano que vem ele vai estar em português, então, de repente... (ri)... Porque ele explica muito bem esse rabino. Ele fala muito bem. As coisa que ela fala, do jeito que ele expõe... é que eles não entendem, né? Mas...

E você sente que ele chamou mais gente pra... sinagoga?

Eu acho. Eu acho.

Porque ele está participando lá (no espaço)...?

Nessas duas festas assim... o pessoal gostou muito.

E você falou que é sócia lá na sinagoga. É... como se fosse uma sociedade, mesmo ?

A gente paga... uma mensalidade...

Pra manter... ?

Pra manter.

Mas você também paga da *Beit Sefer* ?

Da escola.

É diferente... eu não sabia que na sinagoga... mas pode freqüentar quem não é sócio, por exemplo?

Pode.

Pra conhecer...

Pra conhecer... mas... Só nas grandes festas, assim que... a gente paga, porque tem o custo do (cantor), tudo mais, então tem um custo, né... tava vindo muita gente de fora... Esse ano parece que foi só o rabino que cantou, tinha um (cantor) antes... mas tem que pagar a pessoa... e... também tava acontecendo muito de vir o pessoal das igrejas evangélicas, eles têm muito interesse, né, na religião judaica, porque tem muito a ver a religião deles com a nossa religião. Então eles vêm aprender, vinham aprender hebraico, faziam curso de hebraico lá... é... e assim, não sei se o ritual tem alguma coisa, mas eles sempre vinham ... então pra limitar um pouco, pelo menos nas grandes festas, senão não tem lugar pra sentar, você já entrou lá em cima? Não tem lugar ... e dessa vez lotou, assim... eu fiquei... eu fiquei pra fora, eu fiquei lá fora porque não tinha lugar pra sentar... então você imagina se vem o pessoal das igrejas evangélicas também... aí já fica ... tira o lugar dos que... estão lá pra rezar... os próprios judeus...

E vem bastante gente?

Olha, vem bastante gente de fora de Campinas, tem o pessoal... das cidades que não têm sinagoga. Então vem assim... de Atibaia, Itapira, Itatiba...

Você sabe quantas famílias tem... hoje, como sócias?

Não chega a cem, acho.

Entrevistas com alunos

As entrevistas 1 e 2 foram feitas de modo informal, as crianças falavam junto com a mãe do R., (Não quiseram falar sozinhas), por isso não estão transcritas. A entrevista 3 foi realizada em separado e está transcrita.

Entrevista 1

Nome: L., 10 anos

Freqüenta o espaço desde os 4 anos e lembra de uma festa que tem a fantasia da Rainha Éster.

Gosta dos professores, acha "legais". Encontra com alguns colegas fora do espaço também.

Sempre participa das atividades promovidas pela sinagoga, por exemplo, o "acampadentro".

Faz o bar mitzva com um professor que vai em casa, por isso sabe um pouco da escrita, mas não gosta.

Entrevista 2

Nome: R., 7 anos

Começou a freqüentar porque a mãe o colocou e seu primo já freqüentava.

Gosta mais do teatro, e ainda não sabe a escrita judaica, por isso não gosta. Acha os professores legais.

Sabe de algumas atividades na sinagoga aos sábados, mas não freqüenta. A mãe comenta que nos finais de semana preferem ficar entre eles, na família.

Entrevista 3 (transcrita)

Nome: M., 10 anos

Desde quando você freqüenta esse espaço?

Ahh... eu freqüento issq há... três anos.

O que você gosta daqui?

Ah... e eu gosto muito da oficina de artes, né? Porque... daí não é uma coisa chata que a gente fica... sabe, conversando... a gente brinca, pinta, sabe? É isso.

Quem teve a idéia de você vir para cá? Como que você ficou sabendo daqui?

Ah... a gente vinha muito pro centro da cidade, aqui, pra cá, eu e a minha família e aí... a gente... começou a ver essa escolinha judaica... e foi assim que a gente descobriu.

Seus pais são judeus?

São. É... das duas famílias. Do meu pai quanto da minha mãe.

E eles freqüentam a sinagoga?

Não. Eles não ajudaram a construir, não.

Mas eles freqüentam de sexta-feira?

Hum... Não.

Eles ficaram sabendo como?

Ah, então, eles vinham pra cá... não dentro. Vinham pra cidade pra fazer algumas coisas... daí eles começaram a ver essa escolinha.

Algum amigo deles falou?

Não. Ninguém.

Você conhece alguma amiga, fora daqui, que freqüenta aqui, que é judia?

Ã... não.

O que você aprendeu aqui que você gostou?

Ah, várias coisas... Eu aprendi... posso falar só algumas?

Pode. O que você quiser?

Ah, eu aprendi que aqui não é só conversa, né? É brincadeiras... E a gente aprendeu também que Israel tem várias cidades...

Você gostou de aprender a história de Israel?

Hã, hã. Adorei. Foi bem interessante para mim, pra mim porque eu não conhecia.

De hoje você está dizendo. E de outros dias que você frequentou aqui?

Ah, também.

A sua família não conta essas histórias, ou conta pra você?

Às vezes.

Às vezes... por que você pergunta ou antes eles também já contavam?

Eles... antes eles também já contavam.

Você tem mais irmãos?

Eu tenho só um irmão que tem... treze anos... ele vinha pra cá, só que... não vem mais por causa que a idade dele já acabou.

Ele gostava de frequentar?

Gostava... mais ou menos.

E você já frequentou outro espaço como esse?

Não, nunca. Só esse.

Outro tipo de coisa, sem ser da religião judaica, outra aulinha que nem essa daqui?

Não, só essa, mesmo.

É essa e a escola normal?

É.

Você frequenta algum outro tipo de escola?

Não, só os meus esportes, mesmo.

O que você faz de esportes?

Eu faço tênis, ginástica rítmica e ballet. Com sapatilha de ponta, já, no ballet.

Sua família faz as festas judaicas?

Faz. Só que...

Vocês vão para São Paulo?

Vamos... em agosto... na sinagoga, né? É... só que a gente não é muito religiosos... então a gente... por exemplo, no *Pessach* a gente não tira todas as comidas que têm farinha, né... então é isso.

E aqui, dos colegas, você gosta deles?

Gosto... eles...eles... ah eles gostam muito de mim e eu gosto muito deles... a gente se conheceu e daí a gente foi fazendo mais amizades... é isso.”

E as professoras?

Adoro!

RIO DE JANEIRO

Outra experiência judaica interessante é da cidade do Rio de Janeiro, que também se propõe a manter os laços étnicos entre membros das novas gerações, como nos conta GRUMAN, na pesquisa que fez com jovens de ascendência judaica. O autor relata a forma encontrada por esse grupo de jovens para elaborar sua identidade judaica: freqüentar uma sinagoga, mesmo que ortodoxa, apesar de eles não seguirem os rituais, não serem religiosos. São jovens da classe média, que cumpriram grande parte da sua escolaridade em escolas judaicas, socializaram-se em movimentos juvenis sionistas e — quase todos — viajaram a Israel em programas financiados por instituições judaicas ou por familiares. Esse é outro ponto característico desse grupo: o contato com o país de origem, o que comprova a importância — anteriormente referida — da educação para esse povo e suas relações com a origem, em busca de manter “viva” sua história. Muitos desses jovens realizaram os rituais de passagem da religião judaica: o *bat-mitá* (circuncisão), o *bar-mitzvá* (maioridade religiosa aos treze anos para os rapazes), o *bat-mitzvá* (maioridade religiosa para as meninas, aos doze anos), mais raramente. Mas não se consideram religiosos, pois não seguem os preceitos religiosos de alimentação (chamada *kashrut*) e das rezas diárias, nem fazem o descanso semanal (chamado “guardar o *shabat*”), considerado um dos principais mandamentos de Deus.

Criam os primeiros vínculos com outros, inicialmente por serem da mesma escola e, depois, nos movimentos juvenis, restringindo a socialização, na grande maioria dos casos, à comunidade judaica. Além disso, há o incentivo para os programas de visita a Israel, o que também lhes possibilita criar vínculos com o judaísmo.

O conflito ocorre quando, mais adultos, convivem com outras pessoas que não os judeus, o que gera, muitas vezes, o conflito relativo à endogamia, princípio considerado muito importante para a manutenção da identidade judaica nas futuras gerações.

Os vínculos são mais fáceis de serem mantidos enquanto a convivência é restrita. Depois, com mais expectativas e necessidades de encontros, de relacionamentos, etc, não encontram lugares para que isso ocorra.

Foi nesse contexto que surgiu a sinagoga *Beit Lubavitch* como espaço de convivência social para a maioria deles. Diversas iniciativas foram tomadas com o intuito de aproximação, de contato entre judeus e judias. O que se questiona é: como um espaço ortodoxo proporciona isso e atrai jovens não religiosos? Um dos pontos seria a falta de alternativa do mundo não-religioso na afirmação dessa identidade, pela ausência de atividades desenvolvidas no sentido de estabelecer laços. Outro ponto seria que "sentir-se judeu" é uma questão mais subjetiva do que religiosa, segundo eles, os jovens. Há também a idéia da preponderância da religião na definição de quem é judeu, como nos aponta GRUMAN.

Sendo assim, como a sinagoga é tradicionalmente tida como um espaço de convivência, é uma referência importante para o judeu, construída ao longo da história — mesmo considerando cada uma delas pertencente a uma corrente ideológica —, em função da importância que tem, junto com o rabino, na afirmação dessa identidade. Quanto mais influente na determinação do que é a religião judaica, de que o judaísmo está bem próximo de uma definição religiosa, maiores são as chances de ela receber fiéis em suas cerimônias.

GRUMAN dialoga com o paradoxo dessa ortodoxia e aceitação da frequência de jovens não-religiosos, com estilo de vida moderno, cuja valorização da liberdade opõe-se às regras de conduta determinadas para homens e mulheres seguidores dessa corrente de ortodoxia.

Considera, ainda, que ocorre uma relação de "aceitação", de ambos os lados: por um lado, a sinagoga, essa, que pertence à seita *Habad*, tem caráter missionário, e por isso aceita, adapta-se às aspirações de sua clientela; por outro, os jovens podem sentir-se judeus sem terem que elaborar uma transformação do judaísmo em contrapartida ao seu estilo de vida moderno.

Por sua vez, "... os rabinos têm a percepção de que os jovens judeus não querem seguir a teologia tradicional, mas que o simples fato de comparecerem ao serviço religioso do *shabat* já é um símbolo de pertencimento ao povo judeu..."

Os jovens entrevistados por GRUMAN também valorizam, apesar de não seguirem à risca, o ritual praticado na sinagoga, tendo-o como referência de uma "religião judaica verdadeira", secular, que dá continuidade às tradições, considerando a função simbólica da tradição como referencial identitário.

O comparecimento a esses rituais, considerados fenômenos coletivos, confere um sentimento "bem-estar".

O autor nos apresenta três pontos de confluência que esses jovens consideraram na escolha dessa sinagoga como espaço de busca dessa identidade. Em primeiro lugar, porque está localizada num ponto de fácil acesso, visto que muitos moram no mesmo bairro. Em segundo, porque possibilita o contato social, na freqüência dos rituais, por exemplo, a cerimônia do *shabat* às sextas-feiras. E por último, pelo acolhimento, a todos, por parte dos rabinos, ao serem cumprimentados, com o desejo de *shabat shalom* (*shabat* em paz). Mais uma vez presente a aceitação dos jovens por parte dos rabinos, atenuando a imagem da ortodoxia, da freqüência obrigatória, na esperança de um dia tornarem-se religiosos. São estratégias utilizadas para um recrutamento mais sedutor e com isso também evitar os casamentos exogâmicos ou mistos, um dos preceitos para que se processe a continuidade dessa identidade do "ser judeu".

" Se o judaísmo é identificado com a religião, a sinagoga, que é o espaço onde a crença toma corpo através do ritual, vai funcionar como catalisadora da sensação de pertencimento." (GRUMAN p.59)

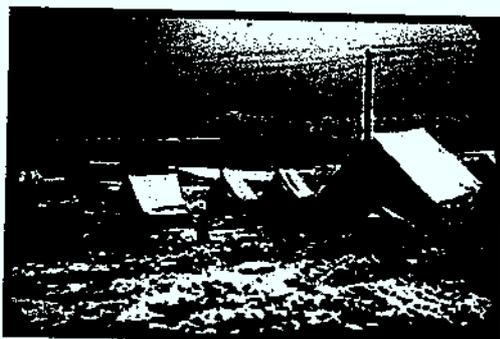
Outras estratégias também são utilizadas, como, por exemplo, proporcionar o conforto material da sinagoga; permitir às mulheres "subir a Torá" (leitura de trechos do Pentateuco); vestir-se "à paisana"; não comer comida *kosher*; etc.

Além disso, a identificação com o "ser judeu" acontece, também, através da convivência cultural, concretizada por meio não apenas das artes — literatura, música folclórica, dança —, como também da língua, da culinária, da religião. No caso, o *Habad*, a que pertence essa sinagoga, conseguiu perceber e preencher as lacunas deixadas por outros movimentos religiosos, no envolvimento desses jovens: estabeleceu um diálogo entre o modo de vida urbano destes e a carência que sentiam, causada pela fragmentação de uma identidade.

Através da religião, há possibilidade desse resgate. Apesar de os jovens apresentarem comportamentos pouco ortodoxos, estão em constante contato com a sinagoga, e "Cada sinagoga de *Habad* está aberta a qualquer judeu que queira envolver-se [...] " o objetivo é alcançar a Redenção pelo resgate da identidade judaica de cada judeu desgarrado do rebanho."

Kibutz

O *kibutz* (palavra hebraica que significa "estabelecimento coletivo") é uma comunidade rural, dedicada ao auxílio mútuo e à justiça social. É um sistema socioeconômico baseado no princípio da igualdade e cooperação na produção, no consumo e na educação.



Os primeiros kibutzim foram fundados por jovens judeus pioneiros, em sua maioria oriundos da Europa Oriental, cerca de 40 anos antes do estabelecimento do Estado de Israel. Eles vieram não só reivindicar o solo de seu antigo lar nacional, como também criar uma nova forma de vida. Para os fundadores, o cultivo do solo de seu milenário lar nacional e a transformação de habitantes da cidade em agricultores era uma questão de ideologia, não apenas um ganha-pão. (www.eifo.com.br)¹⁴

É uma sociedade baseada em participação voluntária: cada um, com seu potencial, assume a responsabilidade pelas necessidades de seus membros durante toda a vida. O trabalho é dividido por todos, mesmo as tarefas mais rotineiras, e essas, até em sistema de rodízio. As atividades já foram essencialmente agrícolas, mas hoje contam com diversos tipos de atividades industriais, desde fabricação de roupas até sistemas de irrigação. A maioria se dedica a três principais ramos: metais, produtos de plástico e alimentos processados.

O *kibutz* não é apenas um tipo de povoamento ou um estilo de vida, ele é também uma parte integral da sociedade israelense. Antes do estabelecimento do Estado de Israel e nos primeiros anos depois de sua criação, o *kibutz* assumiu funções centrais no povoamento, na imigração, defesa e no desenvolvimento agrícola.

¹⁴ As citações, a seguir, neste capítulo, referem a este endereço eletrônico. Acesso em outubro de 2004.

No início, a sociedade *kibutziana* era uma só, não havendo unidades familiares. Hoje isso já existe. Os *kibutz* foram planejados de modo semelhante, com a área das casas situada entre jardins, além das casas das crianças com parques, os estabelecimentos culturais e vários prédios de serviços. Não muito longe encontram-se os galpões de gado leiteiro, os galinheiros e algumas fábricas. Os campos agrícolas, pomares e lagos para a criação de peixes situam-se em volta. O *kibutz* funciona como uma democracia direta, em assembléia, que

formula a política, elege os diretores, autoriza o orçamento e aprova os novos membros. Esta assembléia funciona não só como um organismo deliberativo, mas também como fórum onde os membros podem expressar suas idéias e opiniões. Os assuntos diários do *kibutz* são conduzidos por comissões eleitas, que cuidam de diferentes aspectos como educação, habitação, finanças, saúde, produção, planejamento e cultura.

Todas as atividades são desenvolvidas no seu interior. As crianças estudam em escolas dentro dos limites do *kibutz*, os jovens freqüentam escolas regionais, que servem aos *kibutzim* da região, permitindo oportunidades de experiências acadêmicas e de contatos sociais mais amplos. As crianças dotadas de necessidades especiais são plenamente atendidas. Muitos voltam aos *kibutzim* após o serviço militar, para nele se estabelecer e viver, mantendo assim a sociedade *kibutziana* com membros ali nascidos e criados.

A atividade cultural também é abundante, com filmes, atuações de profissionais, além de circuito fechado de televisão. São valorizados os talentos dos seus membros, e o movimento *kibutziano* patrocina vários grupos profissionais (orquestra sinfônica, conjuntos de câmara, grupos de dança moderna e folclórica, coros e companhia teatral), além de manterem museus especializados em assuntos como arqueologia, história judaica e desenvolvimento da terra de Israel.

Festejos de todas as espécies, desde os dias feriados até casamentos, *bar-mitzvâs* e aniversários, são planejados pelo *kibutz* para toda a comunidade. Com o correr dos anos, os *kibutzim* desenvolveram formas singulares de comemoração

dos feriados religiosos e nacionais, e também dos festejos de caráter pessoal. As festividades agrícolas e relacionadas às mudanças de estação, que eram comemoradas nas épocas bíblicas, foram revitalizadas através de canções, danças e artes.

As crianças, durante a maior parte do dia, se encontram com seus companheiros de idade, em instalações especialmente adaptadas a cada grupo etário. Crescem aprendendo o valor e a importância do trabalho, e sabendo que cada um deve contribuir com sua parte. Desde o jardim de infância, o sistema educacional enfatiza o valor da cooperação na vida diária, e desde as primeiras séries da escola primária as crianças recebem tarefas e tomam decisões a respeito de seu grupo. No princípio, as crianças desempenham funções dentro do seu grupo de idade; depois, vão assumindo certas responsabilidades dentro do *kibutz*; e, na época da escola secundária, dedicam um dia inteiro por semana ao trabalho em um dos ramos da economia *kibutziana*.

A estrutura do *kibutz* permite, e isso é intencional, a transmissão dos seus valores, do seu modo de vida, que é assim, hoje, em razão da história e do propósito que teve através dos tempos. Para manter tal estrutura, o cuidado com as crianças, o papel que tem a educação é essencial, assim como a transmissão e valorização dos aspectos culturais, como acontece na *Beit Sefer Shelanu*.

Pelo fato de os *kibutz* hoje fazerem concessões, serem mais "abertos", receberem pessoas de fora e alguns de seus membros trabalharem fora, existe o receio de que sua ideologia se perca. Por outro lado, acreditam também que a capacidade de fazer concessões e se adaptar é o segredo de sua sobrevivência, mas é necessário manter sua natureza democrática, e o espírito de voluntarismo, responsabilidade mútua e idealismo presentes em seus membros.

Os *kibutz* com sua crianças, assim como a experiência dos jovens no Rio de Janeiro, no contato com uma sinagoga ortodoxa e o trabalho na *Beit Sefer Shelanu* são iniciativas educacionais em busca da manutenção dos valores daquele grupo, de encontrar espaço onde suas crenças possam ser manifestadas, onde o legado possa ser transmitido.

